



**UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS – UNIMES
MESTRADO PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO
FUNDAMENTAL**

FLÁVIA MARIA LOURENÇO DA COSTA

**JUSTIÇA RESTAURATIVA NAS ESCOLAS: TRABALHANDO
COM OS PROCESSOS CIRCULARES NAS UNIDADES
MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO EM SANTOS**

**SANTOS
2018**

FLÁVIA MARIA LOURENÇO DA COSTA

**JUSTIÇA RESTAURATIVA NAS ESCOLAS: Trabalhando
com os Processos Circulares nas Unidades Municipais de
Educação em Santos**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Metropolitana de Santos, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Práticas Docentes no Ensino Fundamental.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elaine Marcílio dos Santos

Co-Orientadora: Prof.^a Dr.^a Abigail Malavasi

**SANTOS
2018**

Costa, Flávia Maria Lourenço.

Justiça Restaurativa nas escolas: Trabalhando com os Processos Circulares nas Unidades Municipais de Educação em Santos/ Flávia Maria Lourenço da Costa. Santos, 2018.

XX fls.

Dissertação (Mestrado Profissional) – Universidade Metropolitana de Santos – UNIMES

Título em Inglês: Restorative Justice in Schools: Working with Circular Processes in Municipal Education Units in Santos.

Palavras-chave: 1. Justiça Restaurativa. 2. Construção da Paz. 3. Círculos Restaurativos. 4. Comunicação Não-Violenta. 5. Resolução de Conflitos.

A Dissertação de Mestrado intitulada “Justiça Restaurativa nas escolas: trabalhando com os Processos Circulares nas Unidades Municipais de Educação em Santos” elaborada por Flávia Maria Lourenço da Costa, foi apresentada e aprovada em / / , perante banca examinadora composta por: Prof.^a Dr.^a Abigail Malavasi ; Prof.Dr. Gerson Tenório ; Prof.^a Dr.^a Selma Lara.

Prof.^a Dr.^a Elaine Marcílio dos Santos
Orientadora e Presidente da Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Abigail Malavasi
Co - Orientadora

Prof.^a Dr.^a Luana Carramilo Going
Coordenadora do Mestrado Profissional em Práticas Docentes no Ensino Fundamental

Programa: Mestrado Profissional Práticas Docentes no Ensino Fundamental.

Área de Concentração: Práticas Docentes no Ensino Fundamental.

Linha de Pesquisa: Docência e práticas interdisciplinares no Ensino Fundamental.

Dedico este trabalho à minha mãe, à minha família, aos meus Professores e Professoras que me ensinaram com paciência e dedicação, aos amigos que sempre me apoiaram e a todos que colaboraram para esta realização.

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, por me sustentar.

À minha mãe **Dilma Lourenço da Costa**, por ser minha fonte de inspiração e grande incentivadora.

Ao meu esposo **Maurício Douglas**, por me apoiar e incentivar em tudo que faço.

Aos meus irmãos **Fausto Costa** e **Lúcia Costa** e Cunhado **Eduardo Barbosa** por toda a torcida.

Aos meus sobrinhos amados **Eduardo, Gabriela, Guilherme, Giulia e Nathália** pela alegria que representam na minha vida.

À amiga **Denise Bosch** por todas as palavras de coragem e demonstração de companheirismo, pela amizade incondicional de 38 anos.

À amiga **Bianca Menezes Torres** por ser meu porto seguro de todas as horas que precisei de apoio.

À **Prof.^a Irene Penteado** que me apresentou a Justiça Restaurativa utilizada nas escolas e todo o seu encantamento e eficácia.

Aos colegas de Mestrado que fizeram parte desta etapa da minha vida, representados especialmente pela **Prof.^a Ma. Paula Netto Teixeira**.

À **Prof.^a Dr.^a Elisete Nazário** por ter me convidado para estudar no Mestrado da Unimes com todo o entusiasmo, carinho e atenção.

À amiga **Prof.^a Fátima G. Freire Moreira** por ser minha grande incentivadora.

Ao amigo **Prof. Wesley da Silva Nunes**, meu parceiro de Mestrado com quem muito aprendi.

À amiga **Prof.^a Ma. Claudia Bazzoli Avilar** minha eterna gratidão por sua empatia e pelos ensinamentos sobre a vida e o universo.

Ao amigo **Prof. Me. Valdir Francisco** por sempre me encorajar e apoiar sem medir esforços.

À amiga **Prof.^a Ma. Lucilene Ortiz Medeiros** por seu carinho e atenção em todos os momentos difíceis.

À amiga **Shirley Junco** por todo carinho, amizade, paciência e estímulo.

À **UNIMES – Universidade Metropolitana de Santos**, por ter proporcionado a minha maior conquista, que é a minha Formação Acadêmica.

À **Prof.^a Dr.^a Luana Carramillo Going**, por todo o carinho e acolhimento.

Ao **NEP – Núcleo de Educação para a Paz da Rede Municipal de Ensino de Santos**, onde mergulhamos em novos conhecimentos, em especial à **Prof.^a Ma. Liliane Claro de Rezende**, Coordenadora Operacional do Programa de Justiça Restaurativa pela amizade que nasceu através deste trabalho e por me mostrar que precisamos seguir mesmo diante das adversidades sem perder o brilho e o sorriso no rosto. **À Prof.^a Dr.^a Abigail Malvasi**, pelo incentivo e por acalmar meu coração com sua paciência, otimismo e simplicidade. Por compartilhar com amor e doçura tantas experiências significativas que me inspiraram e que certamente levarei para toda vida.

Ao Prof. Dr. Gerson Tenório por despertar em mim a curiosidade de pesquisar sobre quaisquer assuntos, inspirando-me através das suas aulas irreverentes e bem humoradas que são pertinentes a todos que amam aquilo faz.

À Prof.^a Dr.^a Selma Lara pela solidariedade, respeito e, sobretudo por me mostrar o quanto a humildade é encantadora, além de me ensinar através do seu modo de ser e agir o quanto é significativo ouvir com o coração o que as pessoas precisam dizer.

Ao amigo **Leandro César Baron**, “in memoriam” em nome de todos os oprimidos que adoeeceram pela falta de humanidade.

Ao **Universo** por ter conspirado a meu favor.

*“Eduquem as crianças para que não seja necessário punir os adultos.”
Pitágoras*

LOURENÇO DA COSTA, Flávia Maria. **Justiça Restaurativa nas escolas: trabalhando com os Processos Circulares nas Unidades Municipais de Educação em Santos**. 2018. XX p. Projeto de Dissertação do Programa de Mestrado Profissional em Práticas Docentes no Ensino Fundamental da Universidade Metropolitana de Santos, 2018.

RESUMO

A presente pesquisa dedica-se ao estudo da Justiça Restaurativa e tem como propósito compreender e apurar como ela funciona quando implantada dentro das Unidades Municipais de Educação em Santos/SP. O foco desta pesquisa está em avaliar quais são os efeitos que a Justiça Restaurativa imbuída de suas práticas restaurativas pode causar na vida escolar dos alunos que possuem contato com estas abordagens, colaborando para a formação horizontal, reflexiva, crítica e empática promovendo uma Educação humanizada. A abordagem metodológica, de natureza qualitativa, favoreceu esta pesquisa com base em entrevista semiestruturada apoiada na análise do trabalho de três professoras da Rede Pública de Santos/SP que atuam utilizando esta metodologia. A fundamentação do trabalho baseou-se em levantamento teórico-bibliográfico, que sustentou todas as ações pedagógicas aplicadas e buscou defender a necessidade de proporcionar aos alunos espaços dialógicos seguros voltados à resolução de conflitos, convivência harmônica e prevenção da violência no âmbito escolar, visando favorecer o desenvolvimento escolar e pessoal apoiados numa Cultura de Paz. A partir desta pesquisa e da análise de todos os dados colhidos, apresento uma proposta voltada a colaborar com a pesquisa e com o trabalho de outras pessoas que se identificam com esta temática e queiram se aprofundar nesse assunto.

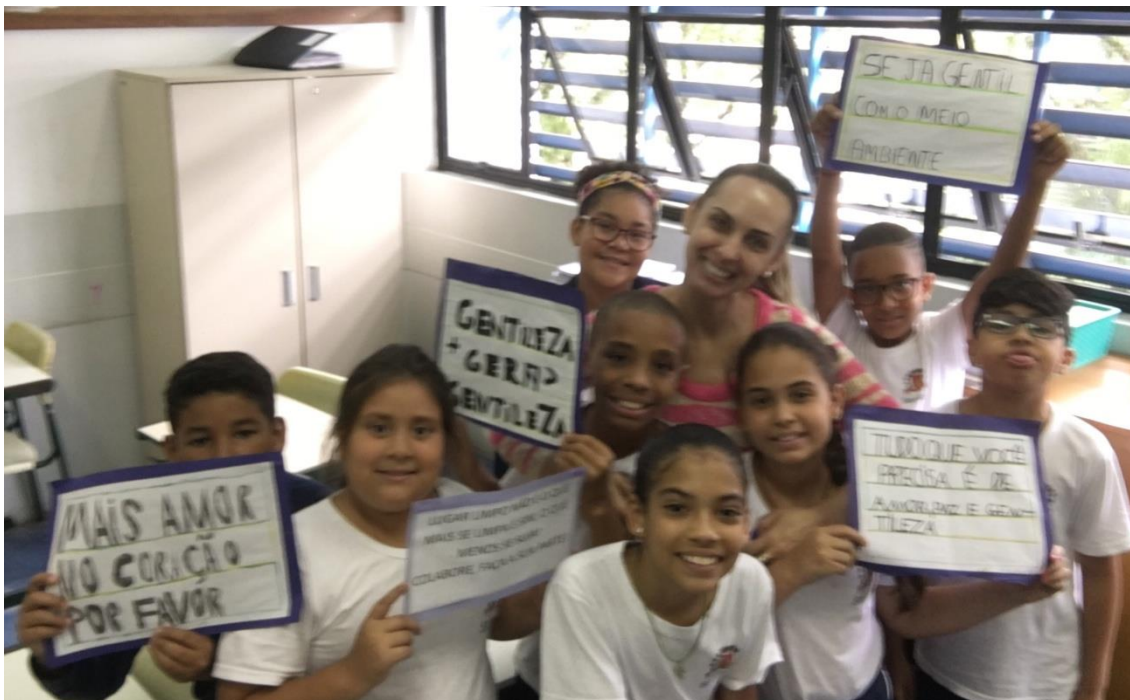
Palavras-chaves: Justiça Restaurativa. Práticas Restaurativas. Cultura de Paz. Unidades Municipais de Educação.

ABSTRACT

The present research is dedicated to the study of Restorative Justice and its purpose is to understand and determine how it works when implemented within the Municipal Education Units in Santos / SP. The focus of this research is to evaluate the effects that Restorative Justice imbued with its restorative practices can cause in the school life of students who have contact with these approaches, collaborating for the horizontal, reflexive, critical and empathic formation promoting a humanized Education. The methodological approach, of a qualitative nature, favored this research based on a semistructured interview based on the analysis of the work of three teachers from the Public Network of Santos / SP who work using this methodology. The basis of the work was based on a theoretical-bibliographic survey, which supported all applied pedagogical actions and sought to defend the need to provide students with safe dialogues aimed at conflict resolution, harmonious coexistence and prevention of violence in school, in order to favor school and personal development supported by a Culture of Peace. From this research and the analysis of all the data collected, I present a proposal aimed at collaborating with the research and with the work of other people who identify with this theme and want to deepen on this subject.

Keywords: Restorative Justice. Restorative Practices. Culture of Peace. Municipal Education Units.

INTRODUÇÃO



Uma das principais funções reservadas à educação consiste, antes de mais nada, em prover a humanidade da capacidade de dominar o seu próprio desenvolvimento. Ela deve, de fato, fazer que cada um tome nas mãos o seu destino e contribua para o progresso da sociedade em que vive, baseando o desenvolvimento na participação responsável dos indivíduos e das comunidades (DELORS, 2012, p.67).

As crianças são alegres, sinceras e autênticas e por estas razões optei por trabalhar em prol delas. Certamente, através das crianças podemos transformar o mundo, contribuir enquanto professores com a nossa parcela em prol de uma sociedade mais humanizada e assim depositar nossa esperança vislumbrando um futuro mais próspero em todos os sentidos, onde o respeito e a união façam parte das relações sociais, bem como a empatia torne - se comum entre as pessoas.

São muitos os desafios enfrentados dentro das escolas, a globalização, a violência, o consumismo infantil, o amadurecimento precoce entre tantos outros sendo assim faz parte da rotina do professor enfrentar estes desafios de forma consciente sempre visando o ser humano e suas peculiaridades.

Diante de tantas situações conflitantes dentro do âmbito escolar percebi a necessidade de suplementar minhas práticas pedagógicas e assim ingressei no Curso de Mestrado Profissional de Práticas Docentes no Ensino Fundamental da UNIMES – Universidade Metropolitana de Santos com muita sede de aprender e procurar entender como criar um novo olhar ainda mais apurado para a Educação humanizada, colaborando para uma formação integral dos meus alunos e assim buscar contribuir com o fortalecimento da sociedade, através da formação de cidadãos críticos debruçados nos valores morais e éticos que norteiam o bom conviver e as relações interpessoais.

O Mestrado me trouxe muita satisfação e uma nova dimensão com relação a tudo o que eu sabia, aprendi novas práticas pedagógicas, mergulhei em pensamentos de inúmeros autores, reafirmei a importância de cultivar a humanização na Educação.

Ao dar início a minha escrita procurei vasculhar na memória cenas, momentos adormecidos pelo tempo... tão importantes que ficaram guardados numa espécie de gaveta da memória que nem eu sabia que existia, esperando para serem usados. Busquei relembrar destas cenas com riqueza de detalhes e assim parecia sentir novamente muitas das emoções vividas que me serviram de inspiração. Foi a partir daí que dei o ponto de partida a esta louca e linda aventura!

Resgatei registros, anotações e até cartinhas que ganhei, reconheci ainda mais a importância de cada uma delas e o verdadeiro peso daquelas palavras. Procurei então encontrar a conexão entre a minha dissertação e o meu trabalho com a Justiça Restaurativa e tudo começou a fluir.

Acredito na transformação através da Educação e ainda que exista uma gama de professores que afirmam que a escola no Brasil está muito longe do que deveria ser, me abasteço da certeza de que juntos somos mais fortes e

que a esperança nos move a agir e que agindo, faremos transformações tornando possível existir a escola ideal.

Conforme afirma Edgar Morin (2011), o inesperado se torna possível e se realiza; vimos, com frequência, que o improvável se realiza mais do que o provável; saibamos, portanto, esperar o inesperado e trabalhar pelo improvável.

Na construção desta pesquisa precisei reafirmar e aquecer minhas verdades, buscando criatividade para conseguir através das minhas palavras contagiar outros profissionais com as coisas maravilhosas que descobri, despertando neles a vontade de beber da mesma fonte que eu, ajudando pessoas e sendo parte ativa na contribuição para uma Educação de qualidade.

Este trabalho nasce então do encantamento pela Justiça Restaurativa canalizada para as escolas e de acreditar por tantas experiências que vi e vivi, que ela se tornou para a Educação uma importante ferramenta pedagógica que já está sendo implementada nas escolas do Brasil e do mundo.

O aporte teórico deste trabalho tem como sustentação a revisão bibliográfica, direcionada aos assuntos que tratam da Justiça Restaurativa utilizada nas escolas e as práticas restaurativas que a envolvem.

Daqui por diante mergulharei nos meus pensamentos e entrarei nesse mar de teorias, ideias, práticas, afirmações, negações, conclusões, emoções e tudo mais que eu possa buscar para aportar meu grão de areia neste contexto.

O principal objetivo da presente pesquisa é conhecer em que medida a Justiça Restaurativa e suas abordagens colaboram com os alunos das Unidades Municipais de Educação de Santos na prevenção da violência e na forma de resolver os conflitos e ainda como ela contribui na transformação da sociedade tornando-a mais empática e saudável. Esta pesquisa visa também compartilhar os resultados colhidos e as considerações relevantes que podem servir de fonte de pesquisa para quem delas desejar usufruir.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste estudo foi composta por uma pesquisa qualitativa por meio de entrevistas semiestruturadas para coleta de dados, fizemos uso de Pesquisa Bibliográfica

sobre a Justiça Restaurativa e os Processos Circulares buscando utilizar contribuições advindas dos autores e pesquisadores que se aprofundam neste tema, bem como registramos os resultados obtidos por meio de análise dos conteúdos onde procuramos entender o que havia por detrás dos depoimentos colhidos, fazendo uma aproximação direta com as histórias de vida, violências sofridas, fragilidades, conhecimento de ideias e reflexões abarcando todo o campo das emoções que nasceram neste trabalho e que conduziram os nossos pensamentos para a descrição de todas as observações dos participantes, as consequências geradas e efeitos produzidos que aqui relatamos.

A disposição da presente dissertação foi organizada como descrevo a seguir:

No Capítulo I – Este capítulo foi denominado de “Cada um com sua história”, relato parte da minha linha do tempo e busco revelar quem sou, qual é o meu trabalho dentro da educação e o que me levou a pesquisar sobre a Justiça Restaurativa.

No Capítulo II – Este capítulo foi denominado de “Justiça Restaurativa: o que é e como usar na Educação”. Levanto todo o aporte teórico para as definições que envolvem a Justiça Restaurativa, datas e documentações importantes que ratificam este tema e amplio para as diversas ramificações que fazem parte desta metodologia. Para esta abordagem adotei como principais referências teóricas Howard Zehr e Kay Pranis que são referências mundiais em Justiça Restaurativa.

No Capítulo III - Este capítulo foi denominado de “Eu, a escola e a Justiça Restaurativa”, onde busco relatar a minha relação com a Justiça Restaurativa e como ela dialoga com as minhas práticas pedagógicas.

No Capítulo IV – Este Capítulo foi denominado de “A Pesquisa” onde organizo as entrevistas e as interpretações produzidas. Argumento neste momento chamando alguns teóricos que sustentam todas as expressões expostas.

Quase finalizando, aponto nas últimas considerações, o desejo de prosseguir me empenhando para contribuir com a transformação da nossa sociedade, na intenção de que através do meu trabalho, envolvendo a Justiça Restaurativa nas escolas, eu possa somar a tantos outros esforços que estão na mesma direção em prol de um mundo mais humanizado, tendo a plena certeza de que muito tenho a caminhar e a aprender, sendo esta dissertação um lindo e inesquecível sonho realizado de uma pessoa entre tantas outras que acreditam que tudo pode ser transformado para melhor a qualquer tempo.

Encerro apresentando como produto final a elaboração de um site voltado principalmente para pesquisas sobre a Justiça Restaurativa intitulado de PEDAGOGIA RESTAURATIVA – www.pedagogiarestaurativa.com, sendo todo o seu conteúdo baseado na Justiça Restaurativa com ênfase na aplicação dentro da Educação. Este site foi pensado com o propósito de propagar a Justiça Restaurativa e principalmente colaborar com pesquisadores, professores, estudantes e pessoas que queiram se abastecer, conhecer e usufruir deste universo. No referido site, os interessados encontrarão um banco de textos, um banco de vídeos, um banco de imagens, um banco de notícias, um banco de citações, um banco de artigos, dissertações e teses referentes à JR, um banco de textos reflexivos, um banco de textos sobre Justiça Restaurativa, além de contar com uma aba que será contida de alertas da atualidade que envolvam acontecimentos direcionados ao contexto escolar como um todo, bem como serão oferecidas referências bibliográficas comentadas através de vídeos produzidos por mim, onde serão encontradas indicações e os meus comentários a respeito das leituras relacionadas com a Justiça Restaurativa.

Além disso, o site contará com uma galeria onde serão postadas fotos de profissionais envolvidos com a Justiça Restaurativa ou que de alguma forma tomam contato com as abordagens restaurativas em seus trabalhos, também serão mostradas fotos de espaços e eventos relacionados com a Justiça Restaurativa e simpatizantes desta metodologia, visando ser este mais um instrumento que colaborará para a propagação da Justiça Restaurativa a todos que pretendem adotar esta abordagem restaurativa, além de enriquecer e somar conhecimentos com todos que já se encontram neste contexto.

Desta forma, todas as vivências em torno da Justiça Restaurativa vão se entrelaçando, se retroalimentando e colaborando para a construção de uma bela coletânea de relatos, opiniões e situações que envolvem esta temática a fim de criar adaptações de acordo com a demanda e melhorar cada vez mais as suas aplicações.

Quando escrever a última linha deste trabalho terei a certeza de que muita coisa ainda estará acontecendo e muito ainda estará por vir...

Essa certeza me permite sonhar que muitas aventuras nascerão e que não será um término será tão somente uma pausa onde descansarei um pouco, recarregarei minha bateria e logo pegarei minha mochila e sairei novamente em campo com a alma curiosa e a mente aberta para novas descobertas.

Concluir este Mestrado é um presente e a dúvida do que está por vir e as surpresas que Deus reservou para minha vida faz com que tudo se torne ainda mais divertido. Seguirei sempre avante, na certeza de cruzar com pessoas maravilhosas e diferentes, onde todas as histórias se entrelaçarão em algum ponto com a minha e assim construirei novas histórias e mais alguns novos capítulos da minha própria história e dividirei com todos que assim como eu buscam humanizar a Educação e deixar seu legado.

CAPÍTULO 1- CADA UM COM SUA HISTÓRIA: VIDAS CONECTADAS

“Um bom professor é lembrado nos tempos de escola. Um professor fascinante é um mestre inesquecível. Um bom professor se preocupa com as notas dos seus alunos, um professor fascinante se preocupa em transformá-los em engenheiros de ideias”.

Augusto Cury



Recordando a época em que ingressei no 1º ano do Ensino Fundamental I, automaticamente me vêm na memória minha primeira professora. Encontrava-me no início da fase de alfabetização e tive que lidar com a falta de sensibilidade e despreparo da mesma. Lembro-me ainda, com riqueza de detalhes, de quando eu era chamada para fazer atividade na lousa, ficaram gravados detalhes do pânico e da sensação desconfortável em que me encontrara naqueles momentos.

Foi uma experiência bastante difícil, pois esta professora me acompanhou por dois anos consecutivos e o medo dela era contínuo, a tensão sempre estava no ar e piorava a cada ida à lousa. Quando me deparava com dúvidas, não tinha coragem de perguntar e assim os erros eram recorrentes e crescentes. Quando eu e outros alunos errávamos ao fazer atividades na lousa, minha professora dava risada sentada sobre alguma carteira, lugar predileto onde ela assistia seu “circo de horrores”. O mais interessante é que mesmo passando por toda esta situação, eu nutria por ela um enorme carinho, lembro que ficava triste, porém nunca com raiva. Hoje, percebo nitidamente a violência psicológica e a presença da opressão e da falta de humanidade e sensibilidade que existia na relação professor-aluno.

Nesse sentido, Zaluar e Leal (2001, p. 44) afirmam que: “O recurso da escola a situações de castigo e humilhação de crianças precisa ser repensado, sob pena de o sujeito ter a sua estrutura afetiva abalada, o que pode ter como resultado a perda da autoestima, a timidez, a revolta ou a falta de vergonha”.

Bonavides (2005) ressalta que [...] a violência física e psicológica, presente na vida das crianças, compromete o desenvolvimento da autoestima.

Vale salientar que, a escola deve ser um ambiente seguro que proporcione ao aluno um crescimento em todos os sentidos, a família e a escola são as bases fundamentais de qualquer criança e ambos se complementam na formação do cidadão para a construção de uma sociedade humanizada.

O professor tem um grande papel na vida dos discentes e geralmente é visto por eles quase como um membro familiar. Isto nos faz

entender a grande missão que é ser professor e este precisa buscar entender seu aluno, para isso é necessário fazer uma conexão com ele durante o ano letivo, para que o mesmo se desenvolva de forma plena e satisfatória dentro do âmbito escolar.

Voltando à minha época de escola, lembro que a sala de aula era muito disciplinada e “obedecia” à risca esta professora, mas não por respeito ou prazer em estudar, pois o que nos movia em primeiro plano era a certeza de que se não cumpríssemos as suas ordens, a punição era certa e os castigos chegariam automaticamente, como por exemplo, ficar longo período de pé com o rosto encostado na parede ou escrever dezenas de vezes a mesma frase. Éramos quase como fantoches, que não opinavam em nada e estávamos ali somente para ouvir e escrever conteúdos, desta maneira nós aprendemos a ler, a escrever em letra bastão e cursiva, porém nossas ideias não podiam fluir, o que pensávamos não era de fato importante.

Azevedo e Guerra (2001) defendem a ideia de que “infância e juventude devem ser entendidas como construção social, infância e juventude não devem ser compreendidas como fenômenos universais e únicos, mas sim em relação à classe, gênero, etnia, etc., as crianças e os jovens devem ser vistos como sujeitos da construção e da determinação de suas próprias vidas”. Assim, podemos avaliar o quanto é importante oportunizar para a criança o momento do diálogo, proporcionando a ela a exposição de suas ideias e opiniões entendendo que elas não são bonecos praticamente irracionais e sem conteúdo como julgavam as Escolas Tradicionais de outrora, onde o maior objetivo era cumprir o que estava previsto na matriz curricular. Desta forma, não eram levados em consideração os conhecimentos prévios do aluno e apenas o que fazia parte do currículo era oferecido sem abrir espaço para interferências ou manifestações de ideias ou opiniões. O ensino conteudista imperava, acreditavam que esse era o caminho do sucesso, quanto mais informações transmitidas aos alunos mais o ensino era considerado “forte”.

Na Pedagogia Tradicional o autoritarismo do professor estava sempre em primeiro plano, o professor era detentor de todos os saberes e cabia ao aluno à função de receber o conhecimento que lhe era transmitido.

Neste sentido, os alunos eram avaliados por meio da resolução de exercícios, da memorização dos conteúdos e das provas escritas que tinham respostas pré-moldadas.

Avaliando estas concepções fica claro que a criança tem seu pensamento cerceado e assim seu desenvolvimento também fica castrado uma vez que ela não possui espaço para refletir e trocar experiências dando a impressão de que o que aprende não cabe na sua vida e não tem sentido estar sendo estudado.

Para Vygotsky (2010) tomando por base a perspectiva histórico-cultural, compreende-se que o sujeito vive num meio impregnado de sentido, e esse aspecto é determinante para a construção de uma personalidade e uma consciência de si.

Estas ações pedagógicas inconsistentes, incoerentes e incompatíveis com tudo o que se é esperado na Educação, traziam e ainda trazem em menor escala para os alunos muitos malefícios, que na maioria das vezes o acompanharão na sua vida futura. Estas falsas ações pedagógicas direcionadas a atos de violência psicológica, interferem diretamente na vida do aluno, prejudicando o seu desenvolvimento em vários aspectos principalmente psicológico. Segundo Gagné, (2001), o impacto da violência psicológica no desenvolvimento, provavelmente leva a criança sofrer grande dificuldade no aspecto social e de escolarização durante seu desenvolvimento, uma vez que esses atos infligem dor emocional como medo, humilhação e angústia.

De fato, todo este contexto da minha infância resultou numa criança que não acreditava na sua capacidade e tinha medo de enfrentar desafios. Se possível me escondia atrás de algum colega de classe, acreditando que assim não seria vista. Os anos foram passando e eu continuava a me esconder, desacreditando da minha capacidade, além de despertar a baixa autoestima e todas as consequências que ela acarreta.

Para Freire (2017, p. 69):

De tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber, que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isto, terminam por se convencer de sua “incapacidade. Falam de si como os que não sabem e do “doutor” como o que sabe e a quem devem escutar [...]

Meu pai era militar e muito rígido e minha mãe costureira gostaria de ter sido cientista, é uma pesquisadora nata, uma mulher a frente do seu tempo. Ela é até hoje a minha maior incentivadora, não teve a oportunidade de concluir seus estudos, pois teve que trabalhar desde muito cedo para ajudar a custear os medicamentos de seu irmão que havia retornado com tuberculose ao Brasil vindo da 2ª Guerra Mundial em 1945 e sendo assim, sempre me falou sobre a importância de estudar, uma vez que não teve esta oportunidade e principalmente sobre amar a profissão escolhida. Com as experiências contadas por minha mãe, fui percebendo que ela tinha razão, o estudo é fonte de vida, de crescimento pessoal e aos poucos fui buscar a minha formação profissional, sempre com muito entusiasmo, muito amor e prazer na minha busca pelo conhecimento.

Toda esta narrativa da minha infância me fez refletir e perceber que por muitas vezes na minha vida me amedrontei e me escondi de situações por medo de errar e certamente estes foram reflexos de passagens que aconteceram na época da escola e mais precisamente vieram de experiências que tive com aquela professora. Não ser ouvida, não ter a chance de falar sobre os meus pensamentos me condicionou por muito tempo a ser uma pessoa com dificuldade de expor sentimentos, ideias, dúvidas e com o passar do tempo, já na adolescência, esta situação começou a me incomodar. Estes reflexos precisavam ser excluídos da minha vida e confesso que para me desamarrar deste passado não foi fácil, mas aos poucos e com força de vontade fui quebrando as correntes que me ligavam a tudo isso...

Para muitos uma situação desta passa despercebida e pode até ser julgada banal, mas sei que tudo poderia ter sido diferente, se eu tivesse tido minha primeira professora como uma lembrança boa, se tivesse tido uma

professora que soubesse da minha história, de como eu pensava, que me incentivasse a não ter receio de errar e sim aprender com os meus erros e fazer deles pontes para os acertos e as novas descobertas.

De acordo com Chaul (1985) a violência pode ser descrita como:

[...] violência uma realização determinada de força tanto em termos de classes sociais quanto em termos interpessoais. Em lugar de tomarmos a violência como uma violação e transgressão de normas, regras e leis, preferimos considerá-la sob dois ângulos. Em primeiro lugar, como uma conversão de uma diferença e de uma assimetria, numa relação hierárquica de desigualdade, com fins de dominação, de exploração e de opressão. Isto é, a conversão dos diferentes em desiguais e a desigualdade em relação entre o superior e inferior. Em segundo lugar, como a ação que trata um ser humano não como sujeito, mas como uma coisa. Esta se caracteriza pela inércia, pela passividade e pelo silêncio de modo que, quando a atividade e a fala de outrem são impedidas ou anuladas, há violência (CHAUL, 1985, p. 23-62).

O tempo passou e os ventos da minha vida me sopraram para novas direções. A época de escola se foi e entrei na Universidade, me formei em Direito em 2004, mas devido à alta criminalidade na cidade de Santos onde residio decidi não seguir carreira. Contudo, afirmo que valeu cada segundo, foi uma Faculdade de grande importância na minha vida, aprendi muito sobre tudo e penso que o Direito deveria ser oferecido a todos devido seu alto potencial esclarecedor dos Direitos e Deveres de cada cidadão.

Sentia que precisava prosseguir buscando algo na minha vida profissional que me trouxesse um retorno pessoal completo e assim eu segui rumo a minha intuição. Eu queria trabalhar com algo que pudesse colaborar com a sociedade, com o mundo e gostaria de deixar o meu legado colaborando com as pessoas de alguma maneira. Além de amar o Direito sempre me encantei com o potencial transformador que as crianças carregam e foi então que fiz a minha Faculdade de Pedagogia, que há alguns anos me proporciona dia a dia plantar sementes do bem na vida dos meus alunos, isto me alimenta a alma e me traz profunda alegria. Enfim, me encontrei...

Nesse sentido Alves (2013) considera que:

O mestre nasce da exuberância da felicidade. E, por isso mesmo, quando perguntados sobre a sua profissão, os professores deveriam ter coragem para dar a absurda resposta: “Sou um pastor da alegria...”. Mas, é claro, somente os seus alunos poderão atestar da verdade da sua declaração... (ALVES, 2013, p. 13).

Conclui a Faculdade de Pedagogia no ano de 2010 e ela me contemplou com uma realização profissional incrível, fiquei maravilhada com o que aprendi. Ser Pedagoga me oportunizou contribuir com meus alunos através da humanização para a formação de cidadãos críticos, dando voz a cada um deles, valorizando sentimentos e opiniões.

Através das inúmeras experiências vividas em sala de aula com alunos de Ensino Fundamental I, constatei como um professor é importante na vida dos seus alunos e sendo assim a humanização na minha carreira é fator primordial.

Dentro desta ótica, Ferreira afirma:

Na medida em que o termo “humanizar” e todo o seu léxico correspondente se tornam recorrentes na fala dos diferentes atores do processo, há uma interpretação e aplicabilidade desses termos que dependem das motivações, das relações com as atividades e das dinâmicas das relações sociais estabelecidas (FERREIRA, 2005, p. 113).

Sigo no firme propósito de continuar meus estudos, de obter competências específicas, pois a cada dia que passa consigo perceber o quanto tenho a aprender e o quão importante é construir novos saberes para aplicar na minha rotina como educadora em prol dos meus alunos, contribuindo assim para uma sociedade mais forte, penso que todos somos responsáveis por ela de alguma forma.

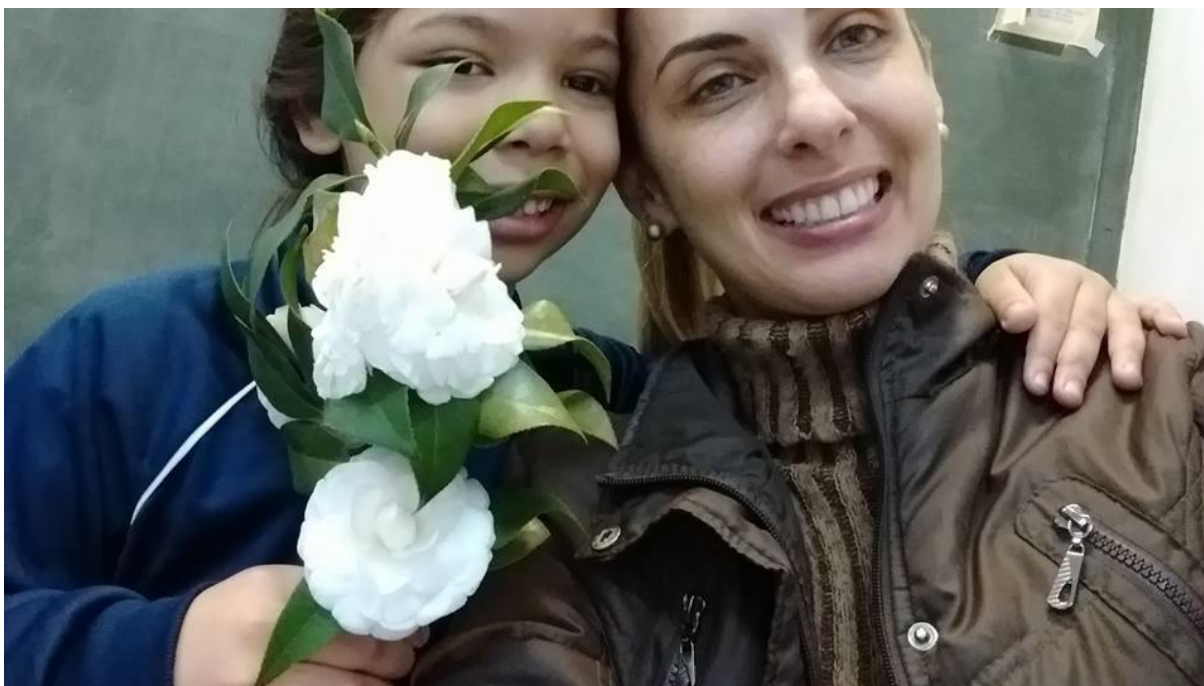
Acredito que o professor tem muita influência na vida dos seus alunos devido aos laços de confiança que são criados diariamente entre ambos e por esta razão ele precisa ser solidário e buscar entender e valorizar a história de cada aluno, fazendo com que ele se reconheça como ser único e

especial que faz parte de um grande cenário coletivo formando uma única e imensa teia. Por isso, cada vez que piso em uma sala de aula busco agir com afetividade, responsabilidade e acima de tudo com muito respeito, uma vez que nós professores estamos em contato direto com seres humanos, tendo cada um deles suas peculiaridades, limites e diferentes formas de pensar.

Trabalhando nessa perspectiva percebemos que naturalmente o professor e o aluno criam um elo, ambos sentem com a alma que precisam um do outro. O respeito será sempre o alicerce de todas as ações e só com a conquista dele é que andamos seguros rumo à aprendizagem significativa. O aluno precisa sentir que o professor o conhece, que sua presença é única e que ele é de fato importante dentro do âmbito escolar. O respeito se conquista, não se pode impor, não se compra, ele nasce e reflete num olhar onde palavras são dispensáveis, conforme ilustração abaixo onde recebo uma flor colhida do jardim da própria aluna e oferecida em sinal de gratidão. É uma parceria difícil de traduzir...

Fotografia: "Ganhando uma flor colhida do seu jardim"

Confiança solidificada pelo respeito entre professor-aluno



Delors (2012, p.42) afirma que:

Ajudar a transformar a interdependência real em solidariedade desejada corresponde a uma das tarefas essenciais da educação, que deve, para isso, preparar cada indivíduo para compreender-se a si mesmo e ao outro, por meio de um melhor conhecimento do mundo. [...] Compreender os outros faz que cada um conheça melhor a si mesmo. A forma como nos identificamos é de fato complexa. Cada indivíduo define-se em relação ao outro, aos outros e aos vários grupos a que pertence, segundo modalidades dinâmicas. A descoberta da multiplicidade dessas relações, que extrapola os grupos mais ou menos restritos constituídos pela família, pela comunidade local e até pela comunidade nacional, conduz à busca de valores comuns, que sirvam de fundamento para a “solidariedade intelectual e moral da humanidade”, de que trata a Constituição da UNESCO.

Quando ingressei no ramo da Educação como professora de Ensino Fundamental percebi rapidamente o quanto as crianças e os adolescentes tinham a necessidade de se expressar, de contar suas histórias, externar suas feridas internas, frustrações, medos, fragilidades, porém com a mesma rapidez constatei que muitas vezes estes alunos demonstravam não ter espaço para que isto acontecesse. Muitos me procuravam e achavam um jeito de contar suas experiências que por muitas vezes eram semelhantes, os pais saindo cedo para trabalhar e retornando tarde da noite. Os alunos de um modo geral apresentam um quadro de carência familiar muito grande, o que geralmente reflete numa mistura de saudade, angústia, revolta, intolerância, timidez, euforia entre tantas outras reações negativas dependendo de cada caso, mas facilmente notamos o quanto ficam sufocados nos seus próprios sentimentos.

No decorrer dos anos trabalhando em escolas diferentes passei por muitas situações conflitantes, que surgiram mediante comportamentos atípicos de alguns dos meus alunos, tais como agressividade e isolamento em grau considerável. Estes alunos geralmente demonstravam baixa autoestima, fato gerador que trazia a falta de interesse, rebeldia, apatia, dificuldades na aprendizagem, déficit de atenção entre outros agravantes, mas era perceptível que se tratava da personalidade, não era patológico era algo que vinha da alma e que parecia borbulhar pelos olhos ofuscados e os lábios inquietos que pareciam implorar por um diálogo no final da aula.

Para conseguir êxito nas minhas práticas pedagógicas sempre acreditei que o grande segredo nestes casos estava na transformação por meio do respeito, da solidariedade, da empatia, da alteridade e do diálogo. Neste sentido, sempre procurei introduzir na sala de aula princípios que pudessem nortear os meus alunos a terem apreço em suas relações interpessoais e a se sentirem pertencentes à sociedade em que estão inseridos. Procuro sempre reforçar a gama dos valores éticos e morais conduzindo os educandos a tornarem-se cidadãos críticos, conscientes de suas atitudes e consequências de seus atos e nesse sentido sempre ofereci um tempo para que eles tivessem vez e voz para se expressarem livremente, opinando sobre o que estavam aprendendo nas aulas ou contando suas histórias. As práticas restaurativas sempre estiveram latentes na minha profissão, mesmo que eu ainda não soubesse disso, mas tinha cada vez mais certeza de que esse era o caminho que me faria oferecer uma qualidade de ensino de excelência para a formação integral dos meus alunos, juntos eles vão se construindo e as identidades se fortalecem numa onda coletiva de apoio espontâneo que nasce naturalmente entre eles em qualquer faixa etária.

Seria mais fácil se tivéssemos a nossa disposição teorias que nos trouxessem soluções preestabelecidas, mas isto é utópico e foram nestes momentos sem respostas que precisei agir através de práticas resolutivas que brotaram espontaneamente das minhas próprias convicções. Através de experimentações fui lapidando minha forma de agir, sempre ancorada no meu senso comunitário e, sobretudo humanista, onde para solucionar ou transformar uma situação, precisava me colocar no lugar do outro, respeitando todas as diferenças existentes e refletindo sobre o que eu gostaria que fosse feito naquele momento, caso o problema fosse comigo. A partir daí, desenvolvi através de vários casos concretos em sala de aula algumas habilidades que me ajudaram a lidar com diferentes formas de conflitos, mas sempre me apoiando no leque dos valores morais e éticos que são fundamentais para uma vida saudável em sociedade.

Constatei também que, geralmente as conturbações dentro do âmbito escolar partem de crianças e adolescentes que na maioria das vezes

não possuem base familiar sólida ou que estão inseridos em ambientes violentos e desassossegados.

A minha inquietação sempre foi grande com relação a todo o contexto que ano após ano sempre se repete nas escolas, os nomes mudam, porém as histórias se repetem e crescem. Passei então a me aprofundar ainda mais na vida dos meus alunos, principalmente daqueles que apresentavam algum tipo de inadequação e assim procurei mergulhar no universo de cada um deles em particular, buscando conhecer suas bagagens de vida de forma mais cuidadosa, buscando entender quais eram seus conflitos e inquietudes e a partir daí comecei a enxergar muito além. Após estas vivências a realidade se descortinou neste sentido e ficou fácil entender como a Educação é ampla, complexa e tão dinâmica e infinita em suas possibilidades, sendo assim para que se conquistem bons resultados é necessário que haja de fato uma conexão entre as pessoas que seja capaz de criar um elo que entrelace fortemente as relações interpessoais e as sustente, resultando numa sociedade mais unida e equilibrada.

Vale ressaltar que, todos nós profissionais da Educação temos que ter a consciência mais do que nunca de que devido a todo o contexto mundial que atinge as pessoas de todas as maneiras, a afetividade é um elemento propulsor para a qualidade do ensino. Neste sentido, os professores não podem focar numa formação que se volte somente para a conquista de emprego e ganhos salariais, mas sim para o desenvolvimento integral do indivíduo, penetrando profundamente nos valores morais e éticos que são fundamentais para o progresso da humanidade em todos os sentidos.

Desta forma, Delors (2012, p. 42) enfatiza que:

A educação deve ajudar a nascer um novo humanismo, com um componente ético essencial e grande abrangência, dedicado tanto ao conhecimento das culturas e dos valores espirituais das diferentes civilizações quanto ao respeito por eles, para contrabalançar uma globalização em que apenas se observam aspectos econômicos ou tecnicistas. O sentimento de compartilhar valores e destino comuns constitui, em última análise, o fundamento de todo e qualquer projeto de cooperação internacional.

Mesmo com todo o meu esforço em colaborar para o progresso dos meus alunos, eu sentia que precisava de algo que viesse a reforçar minhas práticas pedagógicas objetivando restaurar de alguma forma aqueles alunos que se sentiam a margem de tudo e de todos. Esta carência de buscar novas estratégias me levou a sair em busca de algo novo para que eu pudesse contribuir mais substancialmente com eles, no sentido de fazer com que a sala de aula se tornasse um ambiente seguro, mais agradável, dialógico, democrático e humanizado, onde as minhas práticas pedagógicas se embasassem também na troca de experiências, no respeito mútuo e no fortalecimento do grupo e foi neste momento que o Universo conspirou a meu favor, me trazendo de presente a Justiça Restaurativa que já estava sendo implantada em vários segmentos, inclusive em diversas escolas no Brasil.

Dois anos depois de iniciar minhas pesquisas relacionadas a Justiça Restaurativa me formei Facilitadora da Justiça Restaurativa, ficando apta para fazer uso desta metodologia nas escolas, que tem o objetivo de promover a reparação de danos dentro de um contexto coletivo, a fim de restabelecer as pessoas e reparar as coisas dentro do possível. Após conhecê-la nasceu a inquietação de me aprofundar no assunto, parecia ela ser um norte para o meu caminho dentro da Pedagogia. A Justiça Restaurativa tem a finalidade de transformar conflitos e oferecer caminhos para a boa convivência, promovendo fundamentalmente a empatia que oferta a capacidade psicológica de podermos sentir o que a outra pessoa está sentindo e nesta direção o resultado reflete na transformação da própria sociedade através da autorreflexão de cada um, focando oferecer um novo olhar para as relações interpessoais e quebrar paradigmas, tirando de cena o individualismo e dando lugar a responsabilidade coletividade que nasce de espontânea vontade.

A Justiça Restaurativa e todo seu contexto foi realmente um divisor de águas na minha vida profissional, era uma peça do “quebra-cabeça” que faltava para contribuir expressivamente com minhas práticas pedagógicas e foi então, neste momento, que um novo capítulo da minha vida profissional se abriu. Incorporei a JR na minha rotina e pude verificar que todos os meus alunos passaram a participar de forma voluntária das abordagens contidas na JR.

Aprendendo sobre a JR e a sua Cultura de Paz passaram a desenvolver a habilidade da escuta e do falar de maneira respeitosa e direcionada e assim fomos juntos construindo um ambiente mais equilibrado e com isso eles foram criando um sentimento de pertencimento, não só na escola, mas também tomaram consciência do espaço que cada um deles ocupa na sociedade. Sendo assim, constatei que é possível de fato transformar a sociedade através da prevenção, do diálogo e da autorreflexão.

Com esta nova ferramenta percebi efetivamente que quando praticamos o diálogo direcionado, a escuta ativa, a sensibilização e agimos na prevenção os frutos começaram a ser colhidos, foram acontecendo resultados significativos, onde os alunos que apresentavam agressividade, individualidade e falta de interesse foram se transformando, aos poucos passaram a exercitar a autorreflexão e auto lapidação e assim começavam a mudar seus comportamentos. As abordagens restaurativas, desde que comecei a trabalhar com elas, surtiram grande efeito e passaram a ser fundamentais para todos entre os participantes. Eles começaram a exercitar a empatia e assim foram juntos construindo um ambiente equilibrado, criando um sentimento de pertencimento, não só na escola, mas também entenderam sobre o espaço que cada um deles ocupa na sociedade. Sendo assim, constatei ainda com mais intensidade, que é possível de fato transformar a sociedade através da prevenção, do diálogo e da autorreflexão por meio de um trabalho de base.

Na escola fica claro que a globalização desenfreada que estamos vivendo está adoecendo as pessoas e este é mais um fator que gera conflitos no âmbito escolar. Ela espalha a insensibilidade, o egocentrismo, a disputa de poder, o consumismo sem limite e a falta de sentimentos como um todo. Os crimes, a crueldade e as agressões de todo tipo tornaram-se coisas corriqueiras do nosso cotidiano e a falta de empatia impera, dando lugar ao individualismo.

Todo esse cenário contamina facilmente as crianças que não sabem e não entendem o que está por traz de tudo isso e assim ficam vulneráveis e passam a agir baseados na cultura do ter e não do ser.

A violência vem crescendo de maneira avassaladora e as crianças e adolescentes que estão dentro das escolas, por estarem em pleno

desenvolvimento, se não forem bem orientados, podem cair facilmente nas armadilhas do mundo, visto que estão em uma fase de encantamento.

Trabalhar com a Justiça Restaurativa na sala de aula me proporcionou muitas alegrias além de muita esperança, é muito gratificante ter a sensação de que de alguma maneira estamos contribuindo para a transformação e o desenvolvimento de pessoas, bem como considerar que muito provavelmente este aluno que teve contato com a JR será multiplicador dos ensinamentos e resultados positivos adquiridos através dela.

Rubem Alves (2012, p.13), exprime plenamente o sentimento com relação ao dom de ensinar: “O mestre nasce da exuberância da felicidade. E, por isso mesmo, quando perguntados sobre a sua profissão, os professores deveriam ter coragem para dar a absurda resposta: Sou um pastor da alegria...”.

Vivenciei muitas experiências valiosas com meus alunos da Rede Pública Municipal ao longo destes dez anos e ao observá-los diariamente pude acompanhar com detalhes as características que muitos carregam oriundas de sentimentos nocivos como indiferença, egoísmo, violência, antipatia, mágoa e afins resultantes na maior parte dos casos da falta de atenção que recebem em seus lares, gerando uma carência familiar descomunal e abrindo passagem para tantas outras deficiências dando espaço para traumas que refletem diretamente na vida e no comportamento de cada uma destas crianças.

Ao detectar estas lacunas emocionais comuns entre muitos alunos e que na maioria das vezes tem sua origem no seio familiar, busquei introduzir nas minhas práticas pedagógicas a humanização e redobrar a sensibilidade do meu olhar para cada aluno que passava pelas minhas mãos. Desta forma, ficava muito claro que na medida em que eu demonstrava respeito e dedicação por cada aluno em particular, a construção do vínculo professor-aluno ia se estreitando e solidificando. Sendo assim, os caminhos iam se abrindo mais facilmente para que eu os conduzisse a agirem dentro dos valores éticos e morais, caminhos esses que para muitos eram desconhecidos. Pude perceber nitidamente que estes caminhos levavam meus alunos a terem seus comportamentos e rendimentos escolares muito mais satisfatórios em todos os

sentidos, além de despertar a solidariedade e união entre o grupo, bem como colaborar para uma sociedade mais edificada e sadia.

Dentro da escola são muitos os desafios diários, quando se trata de pessoas nunca temos certeza de quais situações ou reações podem surgir, mas certamente nós, profissionais da Educação, precisamos estar preparados para quaisquer situações dentro da escola, sendo que esta missão é bastante complexa, pois infelizmente não temos respostas prontas para tudo. Inicialmente, somos preparados para transmitir conteúdos programáticos, conhecemos as correntes filosóficas da Educação, permeamos pelo conhecimento das fases do desenvolvimento Infante-Juvenil, nos apresentaram a Psicologia da Educação e tantas outras vertentes valiosas que aprendemos na nossa Graduação, mas será que estamos de fato preparados para lidar com tantos conflitos que repercutem cada vez mais dentro das escolas? O tempo passa e novos problemas surgem, problemas estes que mudam e crescem com muita velocidade e por isso surge também a necessidade de novos conceitos que nos auxiliem a lidar com tudo isso.

Tendo em vista que muitos dos nossos alunos são vítimas de uma comunidade violenta, de famílias omissas entre tantas outras situações catastróficas em que estão inseridos, precisamos estar atentos, pois a bagagem de vida de cada um certamente reflete na sua educação como um todo. Como pode um aluno ter um rendimento escolar satisfatório se é vítima, por exemplo, do seu próprio pai alcoólatra que lhe espancou horas antes de ir para a escola? Este e muitos outros exemplos similares são recorrentes nas escolas e o aluno traz para a sala de aula toda a sua vivência positiva e negativa e compartilha com os demais ainda que inconscientemente através de suas ações.

Diante deste panorama verifiquei que em muitos casos são necessárias intervenções especiais para que os conflitos dentro da escola se resolvam, muitas vezes sendo indispensável à participação da família e de outros membros da escola, além do professor e da Rede de Serviço e Apoio.

Nitidamente podemos sentir que cada um tem sua história e que todas as pessoas se cruzam e precisam umas das outras. Dentro das escolas

podemos ver que existe uma grande mescla de personalidades e assim precisamos trabalhar pautados nesta pluralidade com todos os seus resultados.

A partir das minhas convicções, defendo que, os alunos que conseguem ter a oportunidade de frequentarem um ambiente escolar que ofereça o respeito, a alteridade e que demonstre a importância que cada um tem naquele espaço e no mundo, teremos alunos conscientes e convencidos de que a paz começa em cada um de nós e que a afetividade e a Educação precisam caminhar de mãos dadas produzindo uma aprendizagem significativa.

Ainda que exista uma gama de professores que afirmam que a escola no Brasil está muito longe do que deveria ser, me abasteço da certeza de que juntos somos mais fortes e que a esperança nos move a agir e que agindo faremos transformações tornando possível a escola ideal.

Vale ressaltar que, todos nós profissionais da Educação temos que ter a consciência mais do que nunca de que devido a todo o contexto mundial que atinge as pessoas de todas as maneiras, a afetividade é um elemento propulsor para a qualidade do ensino. Neste sentido, os professores não podem focar numa formação que se volte somente para a conquista de emprego e ganhos salariais, mas sim para o desenvolvimento integral do indivíduo cumprindo seu papel de educador, penetrando profundamente nas questões do ensino-aprendizagem de forma plena encadeando todos os conceitos possíveis focando o progresso da humanidade em todos os sentidos.

Desta forma, Delors (2012, p. 42) enfatiza que:

A educação deve ajudar a nascer um novo humanismo, com um componente ético essencial e grande abrangência, dedicado tanto ao conhecimento das culturas e dos valores espirituais das diferentes civilizações quanto ao respeito por eles, para contrabalançar uma globalização em que apenas se observam aspectos econômicos ou tecnicistas. O sentimento de compartilhar valores e destino comuns constitui, em última análise, o fundamento de todo e qualquer projeto de cooperação internacional.

Alicerçada nas minhas profundas observações ficou evidente que muitos alunos que apresentavam mau comportamento e baixo rendimento

escolar carregavam histórias dolorosas, complexas e costumeiramente extravasavam suas agonias e descontentamentos dentro do ambiente escolar através de condutas inconvenientes, hostis e indesejadas, atingindo pessoas injustamente.

A Justiça Restaurativa e todo seu contexto foi realmente um divisor de águas na minha vida profissional, era uma peça do “quebra-cabeça” que faltava para contribuir expressivamente com minhas práticas pedagógicas e foi então, neste momento, que um novo capítulo da minha vida profissional se abriu. Incorporei a JR na minha rotina e pude verificar que todos os meus alunos passaram a participar de forma espontânea dos Processos Circulares e tudo o que a JR nos proporciona rumo a Cultura de Paz e a prevenção da violência.

Todos os alunos que conheci participantes das ações da JR nas Unidades Municipais de Ensino de Santos passaram a demonstrar mudanças comportamentais, diminuindo cabalmente suas ocorrências e foram desenvolvendo aos poucos a habilidade da escuta e do falar de maneira respeitosa e direcionada e assim fomos juntos construindo um ambiente mais equilibrado. Com isso eles foram criando um sentimento de pertencimento, não só na escola, mas também tomaram consciência do espaço que cada um deles ocupa na sociedade. Sendo assim, constatei que é possível de fato transformar a sociedade através da prevenção, do diálogo e da autorreflexão.

Creio que os professores carregam consigo uma grande missão que não só se limita à transmissão de conhecimentos através de conteúdos programáticos, mas principalmente precisam levar o aluno cultivar as ideias, o seu pensamento livre, a expressar o que sentem e acreditam além de inserir nas suas atividades valores éticos e morais em busca de uma sociedade mais humana, em busca da construção de cidadãos críticos e conscientes de seus atos e por esta razão cremos que um professor qualificado e competente precisa de fato amar sua profissão e sentir alegria ao ensinar, pois só assim conseguirá resultados satisfatórios que certamente se perpetuarão pela vida dos seus alunos até a fase adulta.

Nesta Cultura de Paz, os alunos passam de coadjuvantes para o papel de protagonistas, tendo em vista que eles começam a se sentir

pertencentes ao contexto social em que estão inseridos, as suas opiniões e sentimentos são valorizados e eles vivenciam o que é de fato ser parte integrante do mundo em que vivem.

A Justiça Restaurativa é um caminho que está sendo expandido em direção às escolas e que tem o poder de ser utilizado com crianças, adolescentes e adultos de todas as idades, objetivando mudanças significativas no ramo da Educação, onde hajam transformações e a quebra de padrões ultrapassados. A implantação destas práticas e seus resultados nos fazem mergulhar fundo nesse oceano repleto de novas descobertas. Ainda tenho um longo percurso pela frente, tendo em vista que a Justiça Restaurativa é mutante e admirável, e estar escrevendo sobre este tema, já me faz acreditar que estou na direção certa.

Os professores precisam entre tantas outras funções também visar à harmonia, a serenidade e a humanização dos seus educandos, pois um mundo de paz para todos é o que se deseja, só seremos plenos quando as pessoas se colocarem no lugar umas às outras e só assim haverá a conscientização de que quem quer o bem, precisa praticá-lo. É impossível que um aluno tenha uma aprendizagem significativa se está inserido dentro de uma escola violenta marcada por conflitos e desentendimentos, portanto é preciso enfatizar o conceito de que a Educação deve entender o aluno como uma pessoa que não está resumida ao seu nível de facilidade em aprender, ela abarca um processo contínuo de desenvolvimento das faculdades físicas, intelectuais e morais, com a finalidade de integrar as pessoas na sociedade ou no seu próprio grupo. Os professores precisam buscar apoio em novas experiências para que formem alunos plenos e não robóticos e limitados. Para isso, é preciso que todo professor sinta o prazer de inovar sempre e que tenha soltado as amarras com o Ensino Tradicional que só faz calar e limitar, pois só quem educa com amor, liberdade e esperança consegue gerar resultados positivos, desejados e altruístas.

Corroborando com esta ideia Cury (2003, p. 16,17), afirma que:

Precisamos ser educadores muito acima da média se quisermos formar seres humanos inteligentes e felizes, capazes de sobreviver nessa sociedade estressante. [...] Um excelente educador não é um ser humano perfeito, mas alguém que tem serenidade para se esvaziar e sensibilidade para aprender.

Alicerçada nas minhas profundas observações ficou evidente que muitos alunos que apresentavam mau comportamento e baixo rendimento escolar carregavam histórias dolorosas, complexas e costumeiramente extravasavam suas agonias e descontentamentos dentro do ambiente escolar através de condutas inconvenientes, hostis e indesejadas, atingindo pessoas injustamente.

Diante de tantas vivências com meus alunos e com outros que observei a distância percebi que quando o aluno se sente agredido e desvalorizado certamente ele não se empenha para fazer as atividades propostas, tampouco se envolve em busca de conhecimento e nem participa do cotidiano escolar. Ao contrário disso, quando o professor se mostra interessado em colaborar e demonstra se importar o aluno, ele cria um vínculo afetivo e abre os canais de comunicação e é a partir daí que o trabalho passa a surtir o efeito que desejamos.

Certamente a escola é um espaço em que a criança deposita sua confiança, para ela a sua primeira impressão é estar entrando num lugar seguro que lhe oferecerá experiências positivas. Nesse sentido, de alguma maneira ela espera que a afetividade esteja presente na relação professor/aluno e se isso não acontece ela automaticamente se sente desprezada, desrespeitada e desmotivada e a tendência é que ela passe a ignorar as lições e extravase essa decepção através de comportamentos ruins.

Isto requer de nós professores grande sensibilidade, pois diversas vezes as atitudes de certos alunos como rebeldia, falta de educação, agressividade, falta de interesse entre outros são confundidos com indisciplina ou mesmo transtornos e coisas do gênero, mas nesses casos temos que ter cuidado redobrado e muita habilidade. Isto porque, na maioria das vezes estes

alunos são fruto da falta de base familiar, são “jogados no mundo a própria sorte” e vão crescendo praticamente sozinhos e se desenvolvendo empurrados pelo tempo. Conforme afirma Elliott (2018), para reduzir qualquer dano é essencial focar no desenvolvimento de relacionamentos saudáveis.

A atenção e o cuidado são fundamentais desde o nascimento, não sobreviveríamos sozinhos e não nos construiríamos plenamente se fossemos seres isolados, por isso é fácil perceber a diferença entre um aluno que possui uma base familiar sólida daquele que é desamparado.

Sobre esse assunto Corbani, Brêtas e Matheus (2009) asseguram que o homem deixaria de ser humano caso não recebesse cuidado do nascer até sua morte, pois perderia o sentido e se destruiria.

E é isso que acontece quando a criança não tem carinho e não é criada com responsabilidade, ela geralmente será um adulto arruinado, sem grandes perspectivas e na fase infantil tende a ser uma criança problemática que age por impulso e não mensura a consequência de suas ações. Isso se arrasta para a adolescência, depois fase adulta e o acompanha até a morte, salvo raras exceções.

Se nossos alunos quando estiverem no ambiente escolar forem hostilizados e não forem tratados adequadamente pelos professores, sofrendo além de seus traumas familiares também a violência escolar, na maioria dos casos terá seu futuro comprometido e podem até mesmo cair no mundo do crime e suas vertentes, pois tendem a reproduzir o que viram e passaram no decorrer da vida, onde muitas vezes não foram enxergados e viveram sozinhos entre seus problemas e dramas.

Toda esta problemática em torno da realidade infantil que permeia grande parte da nossa sociedade me moveu a trabalhar buscando transformar esta realidade e assim eu atuo dia a dia fazendo a minha parte e disseminando a Cultura de Paz.

Tomkiewicz (1997, p.310) define violência escolar como sendo:

“[...] toda e qualquer ação cometida dentro de uma instituição, ou toda ausência de ação que cause à criança um sofrimento físico ou psicológico inútil e/ou bloqueie seu desenvolvimento posterior”.

A escola é uma instituição que tem o papel de acolher o aluno, entre outras funções voltadas à aprendizagem ela objetiva a formação do caráter, dos princípios morais e dos valores éticos, levando os discentes a utilizarem os conhecimentos aprendidos de forma eficiente em prol de uma sociedade mais equilibrada e melhor de se viver.

Muitas vezes na escola observamos que a matriz curricular é o principal foco, principalmente para os pais, mas é nítido que quando os alunos não se sentem bem por algum motivo, seja ele dentro ou fora do âmbito escolar, ele não estará receptivo para absorver conteúdos da forma esperada.

Cabe ressaltar que, o professor atualmente precisa ser um profissional multifacetado e busco diversificar minhas práticas através da intensificação do diálogo e da troca de experiências, bem como envolver todos os colegas para que juntos possamos unir forças e alinhar esta perspectiva. Caso contrário, seguindo somente conteúdos programáticos “secos”, acredito que nós professores iremos alcançar somente resultados insatisfatórios e fracassados. Vale dizer que, o professor limitado em suas práticas pedagógicas causa muito mais danos aos seus alunos do que a ele próprio, por isso a importância da conscientização dos professores quanto a sua responsabilidade profissional.

É muito interessante ter passado por tudo que passei na escola, pois fica ainda mais claro que o insucesso é certo quando o professor busca introduzir em suas práticas a intolerância. Neste caso, a resistência é automática e o aluno se distancia de tal forma que fica impossível alcançar resultados positivos.

Nesta condição, um professor limitado será somente quando muito um profissional frustrado, consciente ou não disso, os próprios danos ficarão interiorizados e morrerão dentro dele, porém seus alunos deixarão de se

desenvolver em grande parte, de adquirir novas experiências, de se abastecerem de novas ideias, “reprimidos” por um profissional irresponsável e limitante em suas práticas pedagógicas.

Vale salientar que, a Educação é sem dúvida um grande instrumento social, sem a qual, a sociedade estaria afundada num enorme poço. Em pleno Século XXI, no ápice de uma era de grandes avanços principalmente tecnológicos ainda convivemos em meio a uma autoridade descabida, existe violência de todo tipo, discriminação e até o trabalho escravo de crianças. Levando este panorama em consideração, cabe ao professor descortinar e desvendar estes padrões que não podem mais serem aceitos nos dias de hoje, cabe a ele mostrar, ensinar e construir conhecimentos que levem as crianças a terem um novo olhar sobre a vida, projetando um futuro próspero que certamente virá por meio do fruto de seus estudos e conquistas. Por isso, o papel do professor também é tão importante, porque através dele é possível que vidas se transformem, tendo ele entre suas missões a de impulsionar seu aluno a buscar sua dignidade e exigir seus direitos garantidos pela Constituição Federal.

Nós professores, não podemos e nem devemos nos render a este século tão marcado pelo individualismo, frieza dos sentimentos e distanciamento das relações humanas provenientes da violência, da globalização, das novas tecnologias e de tantas doenças da alma. Por nós, passam centenas e centenas de vidas, por isso temos que trabalhar imbuídos no amor, no respeito pelo outro e no comprometimento com a nossa profissão de forma mais ampla do que nunca, cabe a nós uma grande missão que é além, muito além da transmissão dos saberes, é o despertar para o mundo, o despertar das ideias e dos ideais, é dar a chance do livre pensamento arraigado na coletividade e na paz.

Freire (1996, p.120), esclarece que:

[...] É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica.

Há muito tempo superei os danos sofridos pelos dramas de infância que vivi na escola e que tanto me causaram medo e frustração, toda esta vivência eu utilizo como fonte de inspiração para utilizar em situações diárias enfrentadas na minha profissão, mas a grande lição foi entender o quanto a humanização em sala de aula é importante.

Sendo assim, todo meu enredo se tornou um valioso laboratório, pois através das minhas próprias experiências da vida escolar com relação a aquela professora, encontro muitas respostas de como agir e de como não agir com meus alunos.

O Mestrado me trouxe novas possibilidades e assim tenho certeza que estou iluminada por tudo que aprendi e que esta luz vai reverberar diretamente sobre os meus alunos contribuindo para o desenvolvimento cognitivo e afetivo de cada um deles.

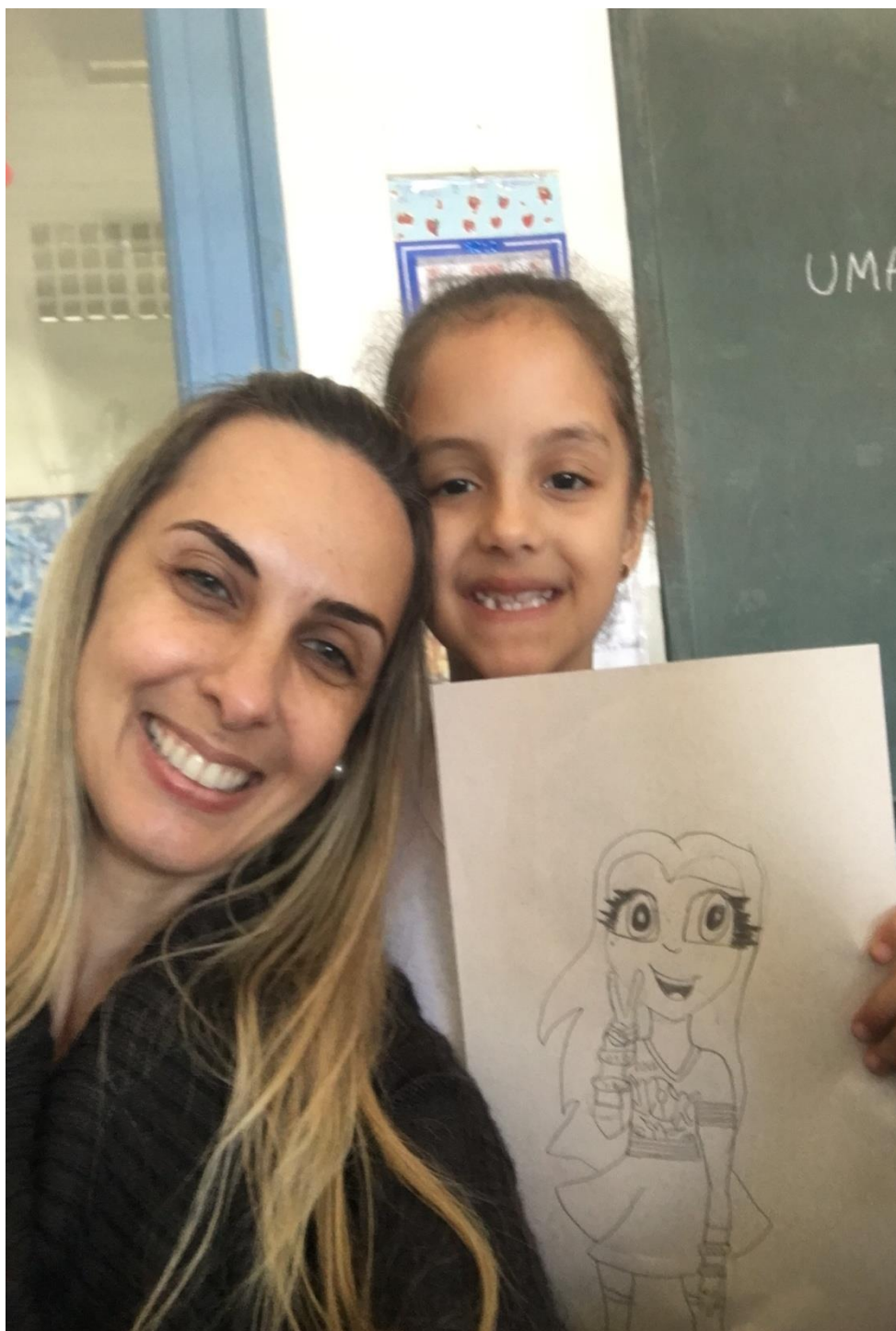
Cabe a nós professores, mantermos viva a chama da satisfação em ensinar e aprender com nossos alunos, essa troca é fundamental para a evolução do mundo e, portanto acredito ser oportuno lembrar de um trecho da fábula do Beija-Flor que foi escrita por Wangari Maathai ganhando o Prêmio Nobel da Paz de 2004 que serve de metáfora de solidariedade que é peça fundamental na Educação e no caso dos professores também de comprometimento com o ofício:

Era uma vez um Beija-Flor que fugia de um incêndio juntamente com todos os animais da floresta. Só que o Beija-Flor fazia uma coisa diferente: apanhava gotas de água de um lago e atirava-as para o fogo. A águia, intrigada, perguntou:

- Ô bichinho, achas que vais apagar o incêndio sozinho com estas gotas?
- Sozinho, sei que não vou, mas estou a fazer a minha parte.

Por fim, encerro este primeiro capítulo enfatizando que sou uma apaixonada pela Educação e que amo minha profissão. Meu combustível é trabalhar para as crianças, que carregam consigo a alegria genuína e a pureza indelével e que podem mudar o futuro das nações, fazendo do mundo um lugar muito melhor de se viver!

CAPITULO 2 - JUSTIÇA RESTAURATIVA: O QUE É E COMO USAR NA EDUCAÇÃO



A Justiça Restaurativa teve seu primeiro registro em 1877. O americano Albert Eglash escrevia seus textos e apontava a necessidade de diante de um conflito o ofensor segundo ele deveria também poder ter um espaço para ser ouvido e ouvir as pessoas as quais sofreram com o dano causado. Ele mencionava que este era o verdadeiro caminho para a resolução eficaz dos conflitos. Nas suas convicções defendia que o ofensor teria que pedir desculpas a vítima e assim começar o processo de reabilitação.

A partir de 1990 a Justiça Restaurativa passou a ter conotação entre os pesquisadores que começaram a enxergá-la como um novo método de restauração dos danos provocados, porém que oportuniza a todos os envolvidos a se expressarem e poderem entender sobre as consequências causadas e todos os sentimentos e emoções que rondam todos os problemas.

Primeiramente a Justiça Restaurativa somente era aplicada no Judiciário buscando solucionar pequenos impasses bem como desafogar o sistema.

Em 24 de julho de 2002 foi designada pela Organização das Nações Unidas-ONU a Resolução 2002/12 contendo os Princípios Básicos para Utilização de Programas de Justiça Restaurativa em matéria criminal. Esta Resolução, portanto refere-se ao “Desenvolvimento e Implementação de Medidas de Mediação e Justiça Restaurativa na Justiça Criminal”. Assim, a ONU apoiou a Justiça Restaurativa e firmou a referida terminologia:

Programa de Justiça Restaurativa significa qualquer programa que use processos restaurativos e objetivo atingir resultados restaurativos. O processo restaurativo significa qualquer processo no qual a vítima e o ofensor, e, quando apropriado, quaisquer outros indivíduos ou membros da comunidade afetados por um crime, participam ativamente na resolução das questões oriundas do crime, geralmente com a ajuda de um facilitador. Os processos restaurativos podem incluir a mediação, a conciliação, a reunião familiar ou comunitária e os círculos decisórios. O resultado restaurativo significa um acordo construído no processo restaurativo. Resultados restaurativos incluem respostas e programas tais como reparação, restituição e serviço comunitário, objetivando atender as necessidades individuais e coletivas e responsabilidades das partes, bem assim promover a reintegração da vítima e do ofensor. Facilitador significa uma pessoa cujo papel é facilitar, de maneira justa e imparcial, a participação das pessoas afetadas e envolvidas num processo restaurativo.

A ONU diante deste ato apoiou os países a inspirar-se nos princípios básicos das práticas da Justiça Restaurativa, conforme o preâmbulo descrito:

[...] essa abordagem propicia uma oportunidade para as vítimas obterem reparação, se sentirem mais seguras e poderem superar o problema, permite os ofensores compreenderem as causas e consequências de seu comportamento e assumir responsabilidade de forma efetiva, bem assim possibilita à comunidade a compreensão das causas subjacentes do crime, para se promover o bem estar e a prevenção da criminalidade.

Em seu preâmbulo a ONU enfatiza que a Justiça Restaurativa originou-se em formas tradicionais e indígenas de justiça que veem fundamentalmente, o crime (ofensa) como danoso às pessoas. Toda essa influência foi trazida e foi se adaptando a realidade desejada tendo seus princípios preservados que são a cooperação voluntária no processo, a horizontalidade no processo, o reconhecimento da humanidade de todos os envolvidos, o respeito pelas fortes emoções que nascem nas situações de conflito e violência, não utilizar o prejulgamento, a empatia para com os valores desconsiderados por uma transgressão, sendo o ponto de partida para uma atuação neutra diante dos fatos ocorridos.

No Brasil, a Justiça Restaurativa teve seu início de maneira mais expressiva a partir de 2004 e está sendo desde então difundida e utilizada como meio de resolução de conflitos e mais uma forma de prevenção através da formação de cidadãos mais conscientes de seus atos além de colaborar com a Justiça Tradicional “desafogando” o Sistema Judiciário através de seus acordos espontâneos envolvendo as partes da questão.

Formalmente em 2005, a Justiça Restaurativa se concretizou por meio da secretaria da Reforma do Judiciário/Ministério da Justiça, que elaborou o Projeto Promovendo Práticas Restaurativas no Sistema de Justiça Brasileira, e juntamente com o Programa das Nações Unidas apoiou três Projetos-Piloto de Justiça Restaurativa. Um deles foi direcionado para a vara da Infância e Juventude da Comarca de São Caetano do Sul e os outros dois foram aplicados no Juizado Especial Criminal do Núcleo Bandeirante em Brasília - DF

e na 3ª Vara do Juizado Regional da Infância e Juventude de Porto Alegre - RS, com competência para executar as medidas socioeducativas.

Devido ao sucesso dos Projetos que foram sendo implantados no Judiciário e trabalhando em parceria com a Justiça Retributiva, a Justiça Restaurativa foi se espalhando e sendo utilizada em diversos segmentos com adaptações.

Em 2008 a cidade de Santos ingressa no Programa “Cidades Educadoras” onde o principal objetivo é criar políticas públicas e divulgá-las, com o objetivo de melhorar a vida dos seus habitantes. Sendo a Justiça Restaurativa uma delas.

Em 2012 sai em Santos a Resolução Normativa Nº 180/2012 que dispõe sobre a implementação do Programa Municipal de Justiça Restaurativa nas escolas da rede pública de ensino.

Em 2014 dá-se o início da implementação do Programa de pacificação Restaurativa com Foco na Cultura de paz e Não-Violência. A Prefeitura de Santos, por meio das Secretarias de Educação e de Defesa e Cidadania, promulgou o Decreto Nº 6.935 que instituiu e nomeou a Comissão de Gestão, visando à implementação e acompanhamento do Programa Municipal de Justiça Restaurativa. Houve então a implementação do 1º Polo Irradiador do Programa Municipal de Justiça Restaurativa.

Em 2015, aconteceu a primeira formatura de Facilitadores do Programa Municipal de Santos de Justiça Restaurativa realizada em outubro no Fórum.

Em 2017, houve a Consolidação da Política Pública do Programa Municipal de Santos de Justiça Restaurativa por meio da lei n 3.371 de 11 de julho de 2017 e do Decreto nº 7.932 de 23 de novembro de 2017. Inclusive esta data já foi escolhida e tem um Projeto de lei aprovado pela Câmara de Vereadores que pleiteiam a inclusão da referida data no calendário Oficial do Município a ser celebrado anualmente em comemoração a este grande progresso na cidade.

Em 2018, realizou-se a inauguração do 1º Núcleo de Educação para a Paz de Justiça Restaurativa na Secretaria de Educação de Santos chamado NEP – Núcleo de Educação para a Paz.

A Justiça Restaurativa é um paradigma ainda novo e parte do princípio de que as desavenças podem ser restabelecidas baseadas em valores como amor, alteridade, empatia, pertencimento, inclusão, solidariedade, escuta ativa, entre tantos outros valores morais e éticos. Outros aspectos fundamentais para a Justiça Restaurativa são a corresponsabilidade, o respeito e o cuidado com as relações humanas.

São muitas as definições de Justiça Restaurativa por se tratar de situações que passam por constantes movimentações, mas todos os conceitos até hoje expostos afirmam que ela é uma prática restaurativa que tem como foco a não punição e a resolução de conflitos baseado em valores, objetivando reparar os danos causados às partes envolvidas e sempre que possível reconstruir as relações que foram “quebradas”.

Howard Zehr (2017), considerado um dos teóricos basilares do assunto afirma que embora o termo “Justiça Restaurativa” abarque uma ampla gama de programas e práticas, no seu cerne ela é um conjunto de princípios e valores, uma filosofia, uma série alternativa de perguntas paradigmáticas. Em última análise, a Justiça Restaurativa oferece uma estrutura alternativa para pensar as ofensas [...].

A Justiça Restaurativa diferentemente da Justiça Retributiva, ou seja, tradicional, traz um novo olhar para a vítima sendo ela focada no sentido de ser restaurada a medida do possível, deixando o mínimo de cicatrizes possíveis e em algumas vezes restaurada plenamente.

Zehr corrobora com essas ideias afirmando que:

Em vez de definir a justiça como retribuição, nós a definiremos como restauração. Se o crime é um ato lesivo, a justiça significará reparar a lesão e promover a cura. Atos de restauração – ao invés de mais violação – deveriam contrabalançar o dano advindo do crime. É possível garantir recuperação total, evidentemente, mas a verdadeira justiça teria como objetivo oferecer um contexto no qual esse processo pode começar (ZEHR, 2008, p. 176).

Portanto, a Justiça Restaurativa é mais um caminho que pode oferecer soluções através da autorreflexão e da construção coletiva de

soluções onde o foco não está em culpar e nem punir, mas sim em restaurar as relações entre as pessoas. Na Educação ela atua através das práticas restaurativas na mesma frequência visando ajudar os alunos a frequentarem um ambiente dialógico onde sejam preservados os valores como respeito e paz e com isso a aprendizagem se torna muito mais eficaz.

O índice de violência nas escolas está aumentando de maneira desenfreada e a Justiça Restaurativa utilizada nas escolas tem o poder de despertar nos ofensores uma conscientização do que o seu ato produziu na vítima, ela promove a empatia fazendo com que seja possível imaginar sentir os males produzidos e a partir daí buscar as mudanças de comportamento em busca de se reinventarem.

As escolas estão introduzindo nas suas ações pedagógicas estas práticas restaurativas e estudos apontam que há um alto índice de resultados positivos nas questões de resolução de conflitos e reparação de danos, sendo assim ela vem surtindo resultados satisfatórios e por esta razão a sua aplicação está crescendo muito rapidamente, não só na Educação, mas também em muitas outras áreas distintas de atuação como Saúde e Segurança Pública.

É basilar compreendermos que a escola é um espaço privilegiado voltado à construção da cidadania. O Ministério da Educação enfatiza a importância da escola ser um lugar onde se possa conviver harmoniosamente e se tenha garantido o respeito aos Direitos Humanos, bem como ter como foco a prevenção da violência. Combater a violência é uma tarefa que somente pode ser cumprida pela mobilização de uma rede de proteção integral e nesse viés a escola se destaca como possuidora de responsabilidade social ampliada.

A Justiça Restaurativa na escola é aplicada principalmente através dos Processos Circulares também chamados de Círculos Restaurativos ou Círculos de Construção de Paz, bem como por meio das práticas restaurativas que fazem parte dessa metodologia. Estes Círculos servem tanto para resolver situações de conflito como para prevenção da violência e ainda para estreitar as relações humanas criando um laço de afetividade e respeito visando

colaborar com uma sociedade que se apoie nos princípios e valores éticos e morais desejáveis para uma boa convivência.

A JR não é sinônimo de impunidade, ela não surgiu para tomar o lugar da Justiça Retributiva, ela está disponível para andar de mãos dadas com ela e assim provocar uma conscientização direta no agressor fazendo com que ele possa mensurar a dor que causou a alguém bem como sendo levado a se colocar no lugar do ofendido podendo assim repensar sobre o que fez além de buscar compensar o dano causado.

Nas escolas a Justiça Restaurativa possibilita que os alunos se apropriem e entendam qual é a razão das normas disciplinares e das regras que precisam ser respeitadas dentro do âmbito escolar, normas estas que existem para garantir um ambiente de aprendizagem tranquilo e adequado para tal finalidade. Nesse sentido, os alunos são conduzidos a terem autodisciplina e para isso precisam ter assimilado a importância da corresponsabilização.

Nesse sentido a JR leva os alunos através de um ambiente dialógico a entenderem que é necessário seguir as normas estipuladas pela escola, tais como pontualidade, manter a limpeza e a ordem do local, o respeito mútuo entre outras que não só servem para os alunos, mas para todos que frequentam o ambiente escolar: professores, funcionários, equipe gestora enfim, todos aqueles que frequentam o espaço da escola.

A Justiça Restaurativa traz um olhar diferenciado para a escola, oferece um novo meio de se pensar sobre as condutas a serem respeitadas e mesmo que a escola tenha adotado a JR ainda sim podem ocorrer casos de indisciplina, o que diferencia é como será tratada esta questão caso ela aconteça. Quando isso acontece possibilitamos ao aluno refletir sobre o ato que cometeu desrespeitando o sistema disciplinar adotado pela escola e também é levado a pensar as causas que lhe fizeram agir desta maneira, além de pensar sobre quem foi afetado com sua atitude. Desta forma, ele tomará contato com as consequências que causou e o que se espera é que seu comportamento se transforme fazendo com que ele tome uma postura diferente daquela que apresentou.

Zehr é contundente em afirmar que:

A Justiça Restaurativa nos faz lembrar da importância dos relacionamentos, nos incita a considerar o impacto de nosso comportamento sobre os outros e as obrigações geradas pelas nossas ações. Ela enfatiza a dignidade que todos merecemos. Talvez, portanto, a Justiça Restaurativa de fato sugira um modo de vida (ZEHR, 2008, p. 251).

A Justiça Restaurativa não envolve somente os alunos e sim toda a comunidade do seu entorno e por esta razão a escola que adota a JR como método de prevenção da violência e resolução de conflito sabe que a comunidade que frequenta a escola também pode fazer parte dos Processos Circulares sempre que precisarem chegar a um acordo ou resolver uma questão coletiva. Ao invés de punições como suspensões ou castigos como não fazerem Educação Física ou terem o recreio suspenso os alunos podem participar como alternativa de um Círculo com a pessoa ou demais pessoas afetadas por seu comportamento inoportuno.

Suspender atividades como meio de punição de nada adianta, pelo contrário os alunos se tornam ainda mais rebeldes e tendem a fazer pior da próxima vez. Ao contrário a JR oferece o esclarecimento do que aconteceu visando saber todo o ocorrido por que aconteceu e quais os motivos que levaram aquele aluno a ter aquela atitude, todo esse processo faz com que ele tenha a oportunidade e o espaço seguro para resolver a situação.

Todos esses trâmites dentro da escola envolvendo a Justiça Restaurativa vão fortalecendo os conceitos oferecidos com relação a JR concretizando a ideia de que ela de fato busca sempre soluções pacíficas, com alunos e comunidade para todos os conflitos que surgem e quaisquer tensões geradas por desentendimentos, violências ou infrações sendo os Círculos Restaurativos um dos remédios oferecidos por ela para buscar a resolução destas questões.

Nesse sentido, a Justiça Restaurativa aplicada nas escolas asperge doses curativas, reparadoras e transformadoras que minimizam a dor muitas vezes causadas com ou sem intenção. Ela pode trazer alento através de um pedido de desculpa, um abraço, um simples aperto de mãos que em muitos casos são o suficiente para modificar uma situação conflitante.

A Educação é sempre transformadora, sua força consiste em estar diretamente ligada a experiências relacionais que envolvem os alunos, mas também os pais, os professores, a direção da escola e toda a comunidade escolar e seu entorno que abarca a comunidade. Tendo tantas pessoas envolvidas é necessário que existam limites para todos e assim dentro desta coletividade espera-se que o respeito prospere advindo da individualidade de todos que fazem parte deste contexto. Nesse sentido a JR consiste em fortalecer o respeito à vida de cada pessoa através da inserção da Cultura de Paz.

Conforme descrito no Artigo 1º da Declaração da ONU de 1999 sobre a Cultura de Paz:

Uma cultura de Paz é um conjunto de valores, atitudes, tradições, comportamentos e estilos de vida baseados: No respeito à vida, no fim da violência e na promoção e prática da não violência por meio da educação, do diálogo e da cooperação [...].

Cada conflito que surge traz uma oportunidade de crescimento pessoal e mudanças de comportamento. Todo conflito que ocorre dentro da escola está em direção oposta ao que se espera por ser ela um espaço que dissemina os valores morais e éticos esperados para o desenvolvimento da cidadania. Por esta razão é que a escola precisa ter a sua disposição ferramentas e estratégias que possam ser usadas mediante conflitos possibilitando um gerenciamento pacífico nesses casos.

A Cultura de Paz que é parte integrante da JR contribui ativamente para a preservação da comunidade escolar buscando sempre primar pela reparação de danos e a reconstrução das relações.

Em 1993, a UNESCO criou uma Comissão Internacional sobre a Educação esperada para o Século XXI, projetada por Jacques Delors. Esta Comissão produziu sugestões que passaram a ser conhecidas como Relatório Delors, e assim passou a ser utilizado nas Políticas públicas da Educação em todo o mundo.

Dentro deste panorama quatro pilares foram utilizados como referência: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver.

O aprender a conhecer está ligado as competências cognitivas, sendo a escola um local onde se ensina e se aprende todos tem a liberdade de acertos e erros, reflexões e opiniões.

O aprender a fazer está ligado as competências produtivas, refere-se ao desenvolvimento da capacidade de diálogo, de trabalho em equipe, da comunicação e da livre expressão.

O aprender a ser está ligado as competências pessoais e assim a Educação contribui para o desenvolvimento integral da pessoa abordando a inteligência, sensibilidade, responsabilidade social e espiritualidade estendendo-se ao autoconhecimento, a autoestima, a autonomia, entre outras.

O aprender a conviver está ligado as competências relacionais, levando em consideração a importância de aprender a viver com os outros levando os alunos a entenderem sobre como se relacionar em seu meio sendo solidários e cooperativos.

Diante de todo o exposto sabemos que a escola necessita ensinar entre tantas coisas a como se pode dialogar de maneira respeitosa e segura e como se pode buscar a paz no ambiente em que frequentamos e desfrutamos, neste momento é que a Justiça Restaurativa através das suas práticas restaurativas entram em ação. Assim sendo, a escola deve preparar as crianças e os adolescentes para o aprimoramento das relações interpessoais, a preservação da cultura da não violência, a aprendizagem de manter boas relações mantendo sempre uma personalidade equilibrada bem como preservar a comunicação eficiente.

As práticas restaurativas são muito benéficas e funcionam muito bem nas escolas uma vez que elas nos permitem receber os conflitos com um novo olhar e a partir dos direcionamentos da JR nós conduzimos a solução de uma forma que leva a autorreflexão e acarreta direto para novas maneiras de conduzir as relações interpessoais. Estas práticas condicionam os envolvidos a perceberem a importância da inclusão e da cooperação, resgatando o diálogo,

e estreitando a conexão com as pessoas além de induzir a uma comunicação inteligente entre todos que pertencem ao cenário escolar.

É importante salientar que os alunos que passam a lidar com estas práticas reverberam a aprendizagem para fora da escola levando para vida todas as abordagens concebidas e assim a sociedade vai se transformando e se fortalecendo como uma sociedade mais humana e solidária.

Todos os velhos moldes dos padrões punitivos e que calavam a voz são eliminados, passamos a ver os conflitos como oportunidades de transformação e crescimento. Essas mudanças agem na busca do pertencimento, da escuta ativa, do diálogo respeitoso, da aceitação das diferenças, do respeito pela diversidade e todos estes ingredientes levam a escola para uma Cultura de Paz.

A escola que pretendemos é uma escola pacífica que possa de fato executar o seu papel de formadora de cidadãos críticos e reflexivos, mas apoiando-se na Escola Tradicional e mantendo a mudez que a mesma oferece não se pode chegar a pacificação em nenhum aspecto. Sendo assim, a JR introduzida na escola vem como uma nova roupagem que torna bonito os relacionamentos e onde a verdadeira humanidade vem a tona.

Na prática podemos apoiados na JR elaborar planos visando à boa convivência escolar, primeiramente realizando um diagnóstico dos principais problemas que a escola está enfrentando envolvendo desrespeito, bullying, discriminação, violência de qualquer tipo, drogas. Num segundo momento criar coletivamente as novas conduções que serão ideias vindas de todos e assim os alunos receberão a responsabilidade de cumprir os combinados que eles mesmos propuseram em busca de serem contemplados com uma boa convivência na escola e sentirem o quanto são valorizados recebendo assim automaticamente um sentimento de pertencimento onde todos são parte do sucesso ou insucesso daquele lugar.

Uma boa ideia é de começar fazendo com que todos avaliem como a escola se encontra e como gostariam que ela fosse. Automaticamente eles sem perceber estarão fazendo uma autorreflexão das suas ações e muitos se questionarão quererem coisas as quais eles mesmos não colaboram.

A partir daí cria-se regulamentos que serão sustentados pelos combinados por eles elaborados e nesse momento é articulado também um Conselho Escolar e um Grêmio Estudantil para que juntos possam solucionar os possíveis problemas que sempre surgem dentro do âmbito da escola. A ideia de que todos os problemas serão solucionados através dos Processos Circulares onde terão vez e voz traz a eles um impacto, não serão chamados isoladamente e sim todo um grupo estará convocado uma vez que os resultados atingem sempre a coletividade de alguma maneira.

Os Facilitadores da Justiça Restaurativa que atuam na escola também se comprometem a disseminar as práticas restaurativas dentro da escola, assim todos terão conhecimento de como acontece todo esse processo e como devem agir se algum problema aparecer. Esse processo acaba virando um novo hábito de resolver problemas e assim eles vão interiorizando as práticas restaurativas para dentro da escola e para a vida fora dela.

Outra ideia que funciona muito bem é proporcionar oficinas e eventos que envolvam cultura e livre expressão dos alunos, que eles possam falar sobre coisas que os inquietam ou que sentem prazer e assim é aberto um canal de comunicação ampliando o vocabulário e onde a comunidade também faz parte do processo. Experiências desse tipo são muito enriquecedoras pois humanizam a Educação e aproximam professores, alunos, comunidade e todos que fazem parte da escola promovendo um intercâmbio de experiência onde todos se retroalimentam e bebem da mesma fonte.

São muitas as estratégias que podem ser usadas demonstrando aos alunos que a escola os respeita e se interessa também pela comunidade. Aqui citaremos mais uma delas: juntos os alunos podem mapear a comunidade, todo o entorno da escola e assim é gerado um diagnóstico daquele lugar segundo a visão deles. A partir daí eles poderão ver quais são as melhorias que gostariam que fossem feitas e onde eles podem colaborar para estas transformações bem como podem elaborar estratégias que envolvem toda a comunidade onde envolvem os moradores e buscam junto ver como os mais velhos podem ajudar e como os mais jovens podem ajudar. Todo esse processo readapta os pensamentos e faz com que os alunos enxerguem que

eles são parte da mudança que esperam no ambiente em que vivem e no mundo onde cada um de nós tem sua parcela de responsabilidade.

Podemos também buscar através dos preceitos da Justiça Restaurativa organizar um ambiente pacífico e apropriado para a aprendizagem uma vez que a grande maioria dos alunos reclama da bagunça que existe dentro da sala de aula onde é insuportável permanecer muitas vezes devido ao nível de stress e violência verbal e muitas vezes chegando à física. Pedimos que os alunos se sentem e fazemos o Círculo Restaurativo buscando restaurar aquele ambiente que se tornou insalubre e impossível de acontecer a aprendizagem. Enfatizamos que a paz começa em cada um de nós e que cada um precisa fazer a sua parte e assim é levantada a questão do que eles entendem por assumir a sua parcela diante dos problemas.

Indagamos como gostariam que fosse a sala de aula onde estudam, como se tratam diariamente, como tratam as pessoas em geral etc. Após essa rodada podemos perguntar se aceitam firmar um acordo de paz espalhando a corresponsabilidade a partir daquele momento em que estão firmando o acordo e que se alguém ferir o acordo será levado para um novo Círculo para que se enfrente e tente resolver a falha ocorrida. É importante também verificar se todos estão de acordo para que não sintam que estão sendo coagidos a nada, todo esse processo deve ser voluntário e de livre e espontânea vontade de quem queira fazer parte dele.

Outra sugestão bem interessante é o Facilitador propor que todos escrevam numa folha individual o que é para eles uma sala de aula pacífica ou uma sala de aula ideal e assim eles vão escrevendo e ilustrando tudo o que lhes vier à mente a respeito da pergunta. Em seguida, o professor que pode ser Facilitador da JR ou somente adepto das práticas restaurativas propõe com que todos juntos criem um mural contendo todos os registros e a partir daí possam falar sobre esses registros coletivamente, além de por meio da exposição criar uma espécie de compromisso firmado exposto ao público e a toda a comunidade escolar.

Em se tratando de punições dentro das escolas podemos afirmar que suspensões e castigos não funcionam e nem fazem com que o aluno que cometeu uma atitude indevida modifique seu comportamento. E justamente

esses resultados nada satisfatórios foram que conduziram a Educação para junto da JR, conforme afirma a Psicóloga Monica Mumme que é Consultora de Justiça Restaurativa e Diretora do Laboratório de Convivência a Justiça Restaurativa nasce da insatisfação, do cansaço de ver que os procedimentos habituais apresentam resultados pouco efetivos na mudança de comportamento e, principalmente, da constatação que as situações ocorrentes em atos violentos têm em sua essência uma complexidade maior do que realmente se cuida quando o controle sobre o outro é a forma escolhida.

Quando usamos a JR nas escolas efetivamente estamos defendendo os Direitos Humanos, visto que com este trabalho garantimos a dignidade da pessoa preservando a igualdade social e a liberdade de expressão.

Para que a JR aconteça por meio de suas práticas restaurativas é essencial que sejam efetivamente utilizados alguns conteúdos fundamentais para que esta prática se concretize tais como a participação voluntária, o reconhecimento pelo dano causado, à autonomia para apresentar soluções, a preservação do pertencimento, a responsabilização pelo ocorrido e a objetivação de reparar o dano.

Na escola ainda é latente a punição através de suspensões e castigos como forma de transformar uma situação, onde o aluno é levado a entender que se fizer de novo a punição voltará a acontecer. Essa mentalidade punitiva é uma herança cultural que carregamos, durante muito tempo os alunos tinham que “pagar” pelo erro que cometeram e essa conduta nunca levou ninguém a refletir de fato sobre suas falhas. Dentro desta questão, foram pensados ao longo do tempo em diversos caminhos para que essa situação fosse modificada e assim a Justiça Restaurativa nas escolas contribui como mais um caminho transformador.

A JR nos ensina a buscar atalhos que nos levam em direção ao perdão e desvia as pessoas de caminhos como vingança, desavença, competição e desigualdade daí a importância da sua presença no âmbito escolar.

Nas escolas estamos enfrentando tempos difíceis devido à diversidade e pluralidade dos alunos, nela acontecem muitos conflitos

interpessoais. Na maioria das vezes a violência ocorrida dentro das escolas é de pequena gravidade, mas perturbam em grande escala o ambiente escolar e o desestabilizam.

A Justiça Restaurativa traz um novo olhar voltado para a solução pacífica dos conflitos, resolvendo de forma conciliadora. Quando ocorrem casos graves, a escola permanece na mesma conduta de acionar as autoridades competentes, porém o que pode diferenciar é o oferecimento das práticas restaurativas quando o aluno retornar as suas atividades, assim ele terá a chance de junto com sua turma repensar suas ofensas e as consequências do seu ato.

Uma sugestão muito interessante oferecida no Guia Prático para educadores criado em 2004 pelo Conselho Nacional do Ministério Público, pautada nas práticas restaurativas é fazer os alunos pensarem sobre ter uma vida mais harmoniosa na escola e fora dela.

Howard Zehr (2009) elaborou dez maneiras para se viver em harmonia e estas são utilizadas na atividade. São elas:

- Leve a sério os relacionamentos, numa teia interligada de pessoas, instituições e meio ambiente;
- Tente ser consciente do impacto – potencial e real – de suas ações sobre os outros e ao meio ambiente;
- Quando as suas ações impactarem negativamente outras pessoas, assuma a responsabilidade de reconhecer e tentar reparar o dano – mesmo em situações nas quais você poderia fugir, evitando ou negando o ato;
- Trate todos com respeito, mesmo aqueles que você não espera encontrar novamente, ou aqueles que você sente que não merecem ou que tenham prejudicado ou ofendido você ou outras pessoas;
- Envolver as pessoas afetadas por uma decisão, tanto quanto possível, no processo decisório;
- Veja os conflitos e os prejuízos na sua vida como oportunidades;
- Ouça, profunda e compassivamente, as demais pessoas, buscando entendê-las, mesmo que você não concorde com elas;

- Dialogue com os outros, mesmo quando o que está sendo dito está difícil, permanecendo aberto a aprender com os outros e com o encontro;
- Seja cauteloso na imposição de suas “verdades” e opiniões sobre outras pessoas e situações;
- Tenha sensibilidade para enfrentar as injustiças diárias;

A Justiça Restaurativa aplicada nas escolas é uma metodologia que está ao alcance do educador agindo principalmente na prevenção da violência e na resolução de conflitos através das práticas restaurativas que emergem como mais uma alternativa voltada para melhorar o ambiente das escolas. De acordo com a Promotora de Justiça Rosângela Corrêa da Rosa, a violência escolar é uma construção, então pode ser desconstruída e reconstruída por uma cultura de paz, ser substituída pela convivência pacífica, pelo respeito ao outro, pela alteridade, pela solidariedade e a humanização onde todos nós somos responsáveis. Sabemos que culturalmente fomos educados para reagir e assim na maioria das vezes ao enfrentar uma contrariedade as pessoas tendem a atacar, nesse sentido é que a JR entra empoderada neste cenário. Corroborando com essa ideia Pistoia e Silva (2017) afirmam que assumir a postura restaurativa, em âmbito escolar, não é algo fácil de colocar em prática. Isso acontece devido ao fato de que a sociedade brasileira é educada para revidar contrariedades de forma agressiva, tornando-se necessário o estudo e o aprofundamento desse método de forma constante.

Juntando tudo o que a JR nos oferece para ser utilizado na Educação podemos sentir que ela faz com que todos que tomam contato com ela se sintam mais protegidos e felizes, além disso, absorvem o entendimento de que podem haver mudanças positivas e grandes transformações. Sendo assim, todo esse movimento dentro das escolas em que a JR está acontecendo e principalmente nas escolas aqui estudadas da Rede Municipal de Santos representam toda a sustentação de que a JR está para ser pensada e usada com toda a comunidade escolar e assim ela está se desenvolvendo e se fortalecendo a cada dia que passa.

A Justiça Restaurativa na Educação é, portanto um meio de reparar a degradação advinda das relações humanas desconectadas beirando a insustentabilidade precisamos urgente de uma metamorfose que traga a regeneração para os relacionamentos humanos e essa é mais uma alternativa para o crescimento das trocas horizontais que nos levam a Cultura de Paz. Por isso, precisamos reciclar nossos pensamentos e retomar a Educação voltada para o presente e para o futuro rompendo com as amarras ainda vivas de um passado que sufocava os sentimentos e calava a nossa voz.

Nesse âmbito Morin e Diáz acreditam que:

[...] o passo da ciência contemporânea é o da criação de mundo, a criação de vida e a criação de vida artificial. Para lidar com estas criações, necessitamos de uma educação que ensine a distinguir os problemas fundamentais e que nos prepare para encará-los em diálogo com a política, que coloque os conhecimentos humanos em função da vida e não contra ela. (MORIN; DIÁZ, 2016, p.45).

A Justiça Restaurativa inova todo o contexto escolar traz esperança rumo a um novo cenário na Educação das escolas municipais de Santos onde muitos educadores já a abraçam por terem avaliado que precisam de novas perspectivas e que a JR é muito rica em sua proposta. Precisamos ter a certeza de que um considerado ‘aluno-problema’ não seja mais tratado como responsabilidade de uma escola que atuava independente, onde era de praxe o professor fazer o encaminhamento para outro setor que se julgava pertinente e limitava-se basicamente em fazer relatórios superficiais. Antigamente, o trabalho de Rede era realizado de forma individualizada, cada profissional fazendo o seu trabalho sem terem nenhuma ligação uns com os outros e o resultado certamente ficava sempre deficitário e cheio de brechas. A Justiça Restaurativa em Santos já é uma Política Pública e tem sua atuação junto ao trabalho de Rede de Apoio. Portanto, os profissionais agem em conjunto em prol de acharem soluções e melhores caminhos para novas transformações de cada um dos alunos encaminhados.

Vale ressaltar que, na cidade de Santos, local é disponibilizado um serviço de Redes que se apoiam em diversos segmentos e estão disponibilizados às escolas também. Como exemplo citamos a “Rede Família”

que trata da articulação permanente de atendimento, reflexão e fortalecimento da comunidade envolvendo as organizações governamentais e não governamentais que atendem as famílias do Município, oficializada por meio da Resolução Normativa 001/2004.

Além da Rede Família são parceiros da Justiça Restaurativa em Santos a Secretaria de Educação (SEDUC), o Conselho Municipal de Educação (CME), a Secretaria de Assistência Social (SEAS), a Secretaria de Relações Institucionais e Cidadania (SERIC), a Secretaria de Segurança (SESEG), a Secretaria Municipal de Saúde (SMS), o Ministério Público (MP), o Judiciário – Vara da Infância e da Juventude e do Idoso, o Conselho Municipal da Criança e do Adolescente (CMDCA), o Fundo Social de Solidariedade (FSS) bem como todas as Entidades Assistenciais que juntas promovem uma ação de recuperação social. Esta Rede de Garantia de Direitos trabalha diretamente em parceria com as escolas municipais em Santos como uma grande “teia de aranha”, quando necessário aciona-se o órgão necessário para cada caso, a fim de proteger crianças e adolescentes que estão com seus direitos violados e neste sentido a Justiça Restaurativa nas escolas entra em ação também dando apoio para além destes serviços de atendimento, onde através da aplicação dos Processos Circulares, que são parte das práticas restaurativas, é possível detectar indícios que muitas vezes trazem respostas que abrem os caminhos no sentido de colaborar com os alunos dando a eles suporte no que seja necessário que trará para os mesmos melhores condições físicas e psicológicas de estarem frequentando a sala de aula e poderem ter condições de aprender e desfrutar proveitosamente do ambiente escolar.

Nas escolas, o aprender e o ensinar acontecem de modo natural. Às vezes através de aulas planejadas e dadas por um professor, mas outras vezes pelas palavras ou ações de um colega. As escolas são também locais onde os conflitos acontecem diariamente. Portanto, oferecem o espaço perfeito para ensinar e aprender sobre resolução de conflitos – e o Círculo é uma ferramenta essencial nesse aprendizado. (PRANIS, 2010, p. 95).

Fica clara e evidente a diferença entre alunos que na escola são meros ouvintes, onde só são depositados conteúdos e são conduzidos através do medo e aqueles alunos que conseguem ter espaço para serem ouvidos, onde os pensamentos são estimulados, valorizados e podem produzir ideias que são construídas coletivamente. Os educandos em qualquer faixa etária são geradores de opiniões e estas são muito importantes e servem como termômetro da sociedade, sendo assim é preciso que tenham sua dignidade da pessoa humana preservada, sendo ela um princípio fundamental do Brasil.

De acordo com Gilberto Dimenstein:

Os direitos das crianças têm recebido cada vez mais atenção. O primeiro passo foi dado em 1959, quando a Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas aprovou a *Declaração Universal dos Direitos da Criança, que consiste em dez princípios*: 1.Direito à igualdade, sem distinção de raça, religião, sexo ou nacionalidade; 2.Direito à proteção especial para seu desenvolvimento físico, mental e social; 3.Direito a um nome e a uma nacionalidade; 4.Direito à alimentação, à moradia e à assistência médica adequadas para a criança e a mãe; 5.Direito à educação e a cuidados especiais para a criança física ou mentalmente deficiente;6.Direito ao amor e à compreensão por parte dos pais e da sociedade;7.Direito à educação gratuita e ao lazer; 8.Direito a ser socorrido em primeiro lugar, em caso de catástrofe; 9.Direito a ser protegido contra o abandono e a exploração no trabalho; 10.Direito a crescer dentro de um espírito de solidariedade, compreensão, amizade e justiça entre os povos. (DIMENSTEIN, 1993, p.15).

Alguns destes direitos infelizmente ainda são descumpridos no Brasil, porém gradualmente podemos observar que existe o empenho de muitos órgãos e profissionais voltados para a melhora da qualidade de vida de crianças e jovens. Neste sentido, vale dizer que a Justiça Restaurativa é mais uma fonte que se volta para este foco, visando colaborar no sentido de dar ao aluno a chance de falar sobre sua história, o que sente e quais são as suas dores para que assim possam surgir meios de melhorar a condição integral do aluno, o que automaticamente refletirá numa vida escolar muito mais feliz e proveitosa.

A esse respeito, encontramos a seguinte colocação:

[...] Todo ser humano deve ser preparado, em especial pela Educação que recebe na juventude, para elaborar pensamentos autônomos e críticos, bem como para formular os seus próprios juízos de valor, de modo que possa decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida. (DELORS, 2012, p.81).

Os alunos que não possuem a oportunidade de se expressar tendem a crescer nesta mesma perspectiva, possivelmente serão adultos introspectivos, envergonhados, travados e com difícil oratória, já aqueles que são ouvidos e estimulados ao diálogo, certamente tendem a se tornar mais críticos, despojados, alegres, comunicativos e com maior facilidade para relacionamentos, empregos e para todos os segmentos de sua vida enquanto ser humano integral.

“Integral” significa abrangente, equilibrado e inclusivo. Pensar, sentir e agir de maneira Integral traz sempre um senso de totalidade ou plenitude – de que não deixamos de lado nada importante. (WILBER et al., 2011, p. 49).

O docente e o discente juntos atuam para o desenvolvimento mundial, ambos fortalecem a cidadania, contribuem para a diminuição da violência e podem cumprir com o papel histórico de agentes da mudança social.

Assim sendo, a Justiça Restaurativa é mais um recurso à disposição da Educação que preconiza um novo modelo de prevenção e resolução de conflitos, promovendo o diálogo entre todas as partes envolvidas e sua responsabilização, por meio da reparação do dano e não da punição. Os principais objetivos da JR nas escolas são focados em disseminar a Cultura de Paz, melhorar as condições de convivência, solucionar conflitos por meio do diálogo e ações democráticas e implementar este método em vários setores numa perspectiva interinstitucional.

Sobre esse assunto Jares (2007) aponta que:

Educar para a paz é uma forma particular de educação em valores. Toda educação leva consigo, consciente e inconscientemente, a transmissão de determinado código de valores. Educar para a paz pressupõe a educação a partir de - e para - determinados valores, como a justiça, a cooperação, a solidariedade, o compromisso, a autonomia pessoal e coletiva, o respeito, ao mesmo tempo que questiona os valores contrários a uma cultura de paz, como a discriminação, a intolerância, o etnocentrismo, a obediência cega, a indiferença e a ausência de solidariedade, o conformismo. (JARES, 2007, p. 45).

Podemos, portanto fazer uso da Justiça Restaurativa nas escolas trazendo as suas formas peculiares de atuação e de como serem aplicadas por meio das práticas restaurativas. e são elas que utilizamos no ramo da Educação por meio dos processos circulares e das técnicas da Comunicação Não-Violenta que iremos nos apropriar nos próximos subcapítulos.

OBSERVAÇÃO: ESTES SUBCAPÍTULOS FORAM TRAZIDOS PARA ESTE PONTO NESTA SEMANA, NÃO ESTÃO CONCLUÍDOS, MAS JÀ EM CONSTRUÇÃO.

CAPÍTULO 3: EU, A ESCOLA E A JUSTIÇA RESTAURATIVA



**É o amor, correndo o mundo todo, em busca do calor
A noite espera pela hora do nosso esplendor
A luz acesa preparada para os dias de afeição
A mesa posta, a alma aberta
A chamar a multidão, a família em união
Juntos, somos mais fortes
Seremos o céu que abraça o mundo
Juntos, seremos a voz que acende o amor... o amor**

(Marisa Liz/ Tiago Pais Dias)

Dentro das minhas práticas pedagógicas sempre acreditei na humanização e assim continuamente busquei enxergar por inteiro cada aluno e entender quem ele é e qual é a sua história, para que desta maneira eu pudesse dar a largada na minha atuação enquanto professora. Assim sendo, sempre consegui trazer meus alunos para perto de mim, no sentido de fazê-los entender que juntos podemos somar e conseguirmos resultados positivos para todos. Dentro deste contexto, mesmo os que apresentavam comportamentos violentos e com muita dificuldade de aprendizagem, por meio da afetividade e da empatia alcancei resultados significativos, onde meus alunos não só se autoajudavam como passavam a entender a importância de colaborar com o próximo, interiorizando que o bem do outro reflete naturalmente para eles mesmos. Porém, queria me aprofundar em algo que me trouxesse uma prática mais concreta, me apoiava em autores com Paulo Freire e Rubem Alves o que me sustentava em acreditar na possível transformação do ser humano através da Educação, mas quanto as minhas práticas agia nestes casos quase que de forma empírica e instintiva com relação à comunicação e o entendimento que eu tinha perante as situações que observava.

A Educação é o fio condutor que leva os costumes, hábitos e valores de uma comunidade a serem conduzidos de uma geração para outra geração por meio das experiências vivenciadas. Seu conceito mais amplo envolve civilidade, delicadeza, respeito, união e, sobretudo a ampla dignidade essencial para a preservação da plena igualdade de todos os seres humanos.

Logo, desembocamos na ideia central que nos ilumina entendendo que a Educação está diretamente ligada as relações de convivência e toda convivência implica em deveres que temos que ter com nosso semelhante. Os deveres são essenciais para que possamos adquirir e garantir direitos, por isso é importante que o professor transmita para o seu aluno a responsabilidade do dever com a família, com a escola, com o país e com o mundo.

Tecnicamente a Educação é um processo contínuo de desenvolvimento físico, intelectual e moral do ser humano, com o objetivo de fazê-lo integrar-se de maneira satisfatória na sociedade e grupo pertencente. A

Educação faz com que todos nós possamos crescer em todos os sentidos apoiados nas nossas experiências e conhecimentos adquiridos.

A humanização é a forma que possibilita condições melhores para o ser humano viver e traduz verdadeiramente a evolução da raça humana quando se fala em desenvolvimento integral, aperfeiçoando suas habilidades através das suas interações. Para tanto, é necessário que o diálogo e todos os meios de comunicação estejam presentes nas relações de modo a tornar possível a humanização entre as pessoas.

Ressaltamos que toda convivência gera conflitos e a partir desta perspectiva entendemos que o conflito é de fato uma característica da convivência, sendo assim o olhar do professor não tem como estar desvinculado desta condição.

Segundo Lederach:

O conflito nasce da vida. [...] ao invés de ver o conflito como ameaça, devemos entendê-lo como uma oportunidade para crescer e aumentar a compreensão sobre nós mesmos, os outros e nossa estrutura social. Os conflitos nos relacionamentos de todos os níveis são o modo que a vida encontrou para nos ajudar a parar, avaliar e prestar atenção. Uma forma de conhecer verdadeiramente nossa condição humana é reconhecer o dom que o conflito representa em nossa vida. Sem ele a vida apresentaria uma topografia monótona e plana marcada pela mesmice, e os relacionamentos seriam muito superficiais. (LEDERACH, 2012, p. 31).

Diante de todo o exposto, assimilamos que a convivência faz parte da humanização e é regida por direitos e deveres que estão integrados na Declaração Universal dos Direitos Humanos que asseguram a convivência democrática. Dentro desta ótica, Jares (2007) coloca que a Educação para os direitos humanos e a cidadania democrática foram criadas com a aprovação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 10 de dezembro de 1948.

Nesse sentido, o referido autor destaca um resumo dos objetivos fundamentais contidos na Declaração dos Direitos humanos que são peças fundamentais nesse processo da convivência:

- Compreender a história da luta pelos direitos humanos e as liberdades fundamentais, fomentando sua prática e seus valores;
- Identificar violações aos direitos humanos, indagar suas causas e possíveis alternativas, ao mesmo tempo que se incentivam atitudes de repúdio às violações;
- Conhecer o trabalho dos organismos que lutam em defesa dos direitos humanos e estimular compromissos em sua defesa;
- Relacionar os direitos humanos às noções de justiça, igualdade, liberdade, paz, dignidade e democracia;
- Identificar as causas sociais que geram violência e valorizar as estratégias de luta que contribuem para o desaparecimento de todo tipo de violência;
- Incentivar a participação e a cidadania democrática; (JARES, 2007, p.49,50).

Assim sendo, podemos entender que a Educação através do oferecimento de saberes, da convivência e de todas as construções coletivas que surgem, automaticamente leva o educando a perceber que a humanização, de forma geral, faz parte de sua aprendizagem e assim ele passa a ser um cidadão sempre consciente de seus atos, ou seja, Educação e a humanização estão intimamente interligadas.

Hoje, quando recorro de algumas ações que realizei diante de tantas situações delicadas que surgiram chego a dar risada sozinha, considerando minha criatividade! Lembro-me com satisfação de tantas histórias que inventei misturadas a tantas histórias reais, onde eu criava estas narrativas como estratégias direcionadas visando levar os alunos a entenderem que muitas pessoas passam pelas mesmas coisas que eles... Criei cenários imaginários que se assemelhavam com aquelas situações que me contavam que estavam passando e por meio destas fantasias fazia com que eles percebessem que a história deles se inter cruzavam com a história de muitas outras pessoas e esta condição amenizava a dor tão evidente no olhar. No final das minhas histórias, buscava mostrar que para tudo existia uma solução e que a maior mudança deveria começar neles. Procurava enfatizar que a vida era cheia de desafios, mas eu sempre oferecia à esperança e promovia o despertar para o novo, assim sendo cada aluno que estava numa situação delicada entendia que seu problema não era só seu, que muitas outras pessoas

estavam naquele mesmo momento vivendo as mesmas coisas e isso lhes trazia força para continuarem e buscarem as mudanças necessárias dentro do possível.

Os professores que amam a arte de ensinar parecem que possuem uma habilidade nata de criar e recriar e assim eu caminhei anos a fio, colocando em prática um pouco de cada um dos conceitos que me norteavam e fui costurando minha colcha de retalhos, alinhavando o meu melhor conteúdo e dividindo com eles. Eu sempre tive uma única certeza, entendi que por intermédio da busca da compreensão do outro e da promoção da autorreflexão eu alcançava resultados surpreendentes.

Mudei de Prefeitura levando comigo ternas lembranças, passei no Concurso de Santos e por ser mais próximo da minha residência decidi por trabalhar no Município de Santos. Criei laços com a cidade de São Vicente, lá aprendi muito, principalmente nas escolas públicas situadas nos bairros mais carentes. De quantas histórias participei, mesmo não estando “in loco”, criei a habilidade de ouvir e de não prejulgar e esta prática me sustentou e me fez perceber o quanto o diálogo abre portas e elucida. Com a mesma alegria e vigor de outrora ingressei na Rede Municipal de Ensino de Santos, onde estou atuando há três anos.

Em Santos temos 81 Unidades Municipais de Educação (UMEs) com cerca de 28.585 alunos que estudam na Rede Municipal de Santos e todo o trabalho desenvolvido é em prol da formação de cidadãos participativos e conscientes de seus direitos e deveres. O Sistema Municipal de Ensino de Santos tem como foco promover a participação comunitária e incentivar a inovação do processo educativo, por meio da valorização de novas ideias e concepções pedagógicas.

Conforme consta nos objetivos da Secretaria Municipal de Educação (SEDUC) a missão da Educação consiste em garantir uma Educação Pública que promova a formação integral do educando e a participação ativa da comunidade escolar para a transformação do meio. É fundamental que sejam asseguradas as criações de diferentes processos de aprendizagem, humanização e cidadania na escola, considerando espaços, tempos, sujeitos e currículo, por meio de práticas integrativas e restaurativas que conduzam os

alunos para o acolhimento, reconhecimento e pertencimento a partir do conhecimento e identificação com a própria cidade, tornando cada aluno parte indispensável no processo de todo o desenvolvimento esperado fazendo-os ser protagonistas neste processo.

Logo na minha estreia fui trabalhar numa escola com índices altos de violência e me colocaram para substituir uma professora que estava com problemas neurológicos, segundo ela causados pela sala de aula muito agitada, onde quase foi agredida pelo pai de um aluno que se mostrava muito rebelde e insatisfeito com todo o ambiente escolar.

Nesse contexto, comecei mais uma vez a trabalhar agindo debruçada na humanização que sempre acreditei e assim fui entendendo tudo o que estava se passando naquele lugar. Meu plano era o mesmo, comecei a fazer rodas de conversa com aquele 5º Ano do Ensino Fundamental I e fomos aos poucos nos conhecendo e mutuamente criando uma relação segura, onde o respeito era fator principal. Foi muito difícil no início, o pai do aluno era tão violento que a Diretora pedia que alguém ficasse por perto quando ele me procurasse para conversar receosa que ele pudesse querer usar de violência. Havia também uma aluna tão agressiva que a recomendação era não olhar para ela diretamente, pois ela não gostava, podendo ficar nervosa e me agredir como quase fez diversas vezes com a professora anterior.

Tinha outro aluno que afrontava todas as pessoas e segundo a equipe gestora ele tinha o costume de sair da sala de aula na hora que bem quisesse, não ouvia ninguém, nem mesmo a própria mãe que havia se separado do marido há poucos meses.

Esta sala de aula em geral tinha um perfil bastante conturbado, onde a violência familiar era comum na vida da maioria dos alunos e isso era angustiante. Ficava evidente que muito da aprendizagem destes alunos estava prejudicada, pelo fato destes alunos chegarem à escola nervosos, desfocados e desanimados com relação aos estudos e a própria vida.

Certo dia inesperadamente, uma professora chamada Irene Penteadou me abordou dizendo que estava trazendo para aquela escola um Projeto relacionado à Justiça Restaurativa, onde ela aplicava os Processos Circulares nas salas de aula. Tendo em vista que existem vários tipos de

Círculos de Construção de Paz, ela estudava o contexto da sala e assim aplicava os Círculos apropriados que atingiriam os focos necessários, principalmente visando à prevenção da violência. Ela me contou como funcionavam estes Círculos e quais eram as suas propostas e finalidades e na mesma hora fiquei encantada, esperançosa e aceitei, afinal sempre acreditei no diálogo, na sensibilização e na empatia como ações transformadoras.

Uma onda de ânimo me invadiu, pois poderia ser este o novo caminho que por anos busquei, sabia que existia algo em algum lugar que me ajudaria, mas não sabia ao certo onde encontrar e nem o que seria. Parece que era a peça do quebra-cabeça que faltava, não sei bem explicar, mas foi como uma forte intuição que me dizia para seguir e mergulhar de cabeça neste universo.

Eu e a professora Irene semanalmente trabalhávamos com os Processos Circulares, comecei a me aprofundar nas teorias de toda essa metodologia e como eu havia esperado, logo comecei a notar que a Justiça Restaurativa estava começando a surtir efeito, me trazendo de fato um novo e lindo caminho.

Na cidade de Santos a Justiça Restaurativa se tornou uma Política Pública sendo reconhecida como um novo modelo de prevenção e resolução de conflitos, que promove o diálogo entre as partes envolvidas e sua responsabilização, por meio da reparação do dano e não da punição. Os principais objetivos são disseminar a cultura de paz, realizar práticas restaurativas e Círculos de Construção da Paz, melhorar as condições de convivência, solucionar conflitos através de ações democráticas e fazer uso da JR numa perspectiva interinstitucional.

Seguimos a nossa jornada e lembro-me bem de um menino que todo Círculo ficava distante só ouvindo, não queria o bastão da fala e colocava seu corpo para fora dos Círculos, deixando bem claro que não gostaria de fazer parte daquele contexto. As semanas foram passando e dois meses depois quando estávamos todos juntos, umas das alunas estava com o bastão da fala fazendo uso da sua vez de se expressar e ela relatava as brigas constantes dentro da sua casa, a mãe pedia que ela ficasse no quarto com a irmã ainda bebê, enquanto ela e o padrasto discutiam diariamente na sala. Ela começou a chorar

e disse que já não suportava mais aquela situação que estragava toda a sua vida, inclusive na escola. Neste momento, aquele aluno que nunca quis fazer parte do Círculo se colocou ao lado dos colegas e disse para aquela colega que ele passava pela mesma situação, que todos os dias ele conversava com Deus e assim a situação dele e dos pais estava melhorando, sugerindo a ela que fizesse o mesmo que certamente tudo iria melhorar.

A partir daquele dia, aquele aluno que era tão rebelde começou a participar espontaneamente dos Círculos e até o final daquele ano continuou participando e sendo atuante, sentindo-se pertencente a sua turma. Tudo isso trouxe para ele uma alegria que saltava aos olhos, porque a diferença era muito grande e passou até a tocar flauta no final de cada dia de aula para os alunos que ficavam esperando seus pais.

A Justiça Restaurativa começa na escola sendo aplicada por meio dos Processos Circulares que vem a ser a principal Prática Restaurativa dentro desta metodologia. No início ela foi introduzida com a intenção de ser uma tentativa de evitar a suspensão e a expulsão de alunos, deste modo focalizava o comportamento deles e oferecia novos meios de lidar com os danos causados por alguns alunos. Recentemente, a Justiça Restaurativa usada nas escolas visa cultivar o ambiente escolar fazendo com que ele seja um lugar saudável e acolhedor.

Evans e Vaandering (2018) afirmam que:

Embora alguns vissem a justiça restaurativa como um menu de intervenções para tratar os males, muitos no campo da educação viam a JR como um arcabouço teórico através do qual se enxerga não apenas a reparação de males, mas também a restauração de relacionamentos saudáveis, dando ênfase a ambientes de aprendizado justos e equitativos. Por exemplo, várias escolas têm incluído um foco no aprendizado socioemocional como parte de suas abordagens restaurativas, reconhecendo que muitos alunos precisam de instrução explícita sobre como reconhecer emoções e reagir a elas. Foram professores, orientadores e diretores que conduziram a maior parte das iniciativas de justiça restaurativa nas escolas. Este era um movimento comunitário. Contudo, com seu crescimento, a justiça restaurativa nas escolas vem se tornando cada vez mais sistematizada e parte integrante das estruturas escolares. Embora as primeiras práticas estivessem baseadas em algum fundamento teórico, este vinha das disciplinas da criminologia e da sociologia, e não necessariamente da pedagogia. É preciso estabelecer a justiça

restaurativa nas escolas como um campo autônomo, embora oriundo da justiça restaurativa; um campo baseado na educação e na pedagogia. (EVANS; VAANDERING, 2018, p. 31).

Estas práticas restaurativas basicamente são iniciadas através da contação de histórias da vida real das pessoas, onde voltam à tona lembranças que ficaram esquecidas ou que forçaram buscar esquecer para tentar minimizar o sofrimento causado. Muitas vezes também são celebradas e revividas boas lembranças que ficaram adormecidas e já não são recordadas, outras vezes são contadas histórias que ficaram pela metade e mal resolvidas enfim, a JR tem o poder de unir, de reacender experiências que marcam as pessoas e as tiram do estado de conforto produzindo um estado de inquietação onde todos desejam ter a sua vez de falar, conforme demonstra a Figura 4. Frequentemente para que se resolva uma situação conflitante na escola é preciso levar os alunos a remoerem seus próprios sentimentos, lembranças e tudo que os mova a autorreflexão para que possam dar o primeiro passo rumo a resolução do conflito de modo eficaz.

Processo Circular: ferramenta pedagógica para ensinar e aprender coletivamente usando a horizontalidade.



Pranis (2010), ressalta o poder da contação de histórias:

O Processo do Círculo é um processo que se realiza através do contar histórias. Cada pessoa tem uma história, e cada história oferece uma lição. No Círculo as pessoas se aproximam das vidas umas das outras através da partilha de histórias significativas para elas. As histórias unem as pessoas pela sua humanidade comum e as ajudam a apreciar a profundidade e beleza da experiência humana. (PRANIS, 2010, p. 16).

Em uma das vindas ao Brasil, a Professora Kay Pranis que é Instrutora de Círculos de Construção da Paz e Justiça Restaurativa além de ser autora de diversas obras sobre o assunto, contou uma história que muito me chamou atenção. Tratava-se de uma escola nos Estados Unidos com alto nível de violência e que todos os dias haviam ocorrências cometidas por um grupo específico de alunos. Certo dia, eles foram ao banheiro e urinaram em todo o recinto em sinal de protesto ou talvez forma de extravasar as frustrações que sentiam. O faxineiro da escola foi chamado pela Diretora que solicitou a ele que

fosse feita a limpeza do local todo ainda naquele mesmo dia e assim o funcionário ficou depois do seu horário de saída limpando e arrumando a bagunça feita pelos alunos. Acontece que justamente naquele dia era o dia do seu aniversário e assim ele ficou impossibilitado de estar com a família, uma vez que chegou muito tarde a sua residência, além de estar exausto após sua grande jornada de trabalho.

Devido à situação caótica daquela escola a professora Kay Pranis foi chamada para aplicar os Círculos e buscar transformar aquela situação precária que já era crônica naquele local. Os alunos já haviam se acostumado com a violência gerada dia a dia, pois não existia nenhum dia sequer que não houvesse confusões. Esse ciclo vicioso precisava ser rompido e as práticas da Justiça Restaurativa poderiam ser um dos caminhos que levariam a resolução daquela situação.

Ao invés da punição foi oferecida a estes alunos a oportunidade de participarem do Círculo de Construção da Paz, objetivando fazer com que os alunos envolvidos falassem a respeito do ocorrido, relatarem os motivos que levaram a tal ação bem como pudessem ouvir como o faxineiro da escola se sentiu diante da atitude que eles cometeram, sem pensar em quem iria limpar toda aquela sujeira. Ao ouvirem a história daquele homem e toda a tristeza que lhe causaram esses alunos tomaram conhecimento do dano que cometeram na vida de uma pessoa que eles gostavam, pois aqueles alunos mantinham uma boa relação com o faxineiro da escola, porém em nenhum momento pararam para pensar quem seriam os atingidos com aquela ação.

Ou seja, não foi usada a punição, mas sim a corresponsabilidade através da autorreflexão e foi aí que estes alunos puderam entender a gravidade do ocorrido. Deste dia para frente esse grupo não se envolveu mais em confusões e mudaram totalmente o comportamento dentro da escola e é esta a mágica que acontece quando utilizamos a Justiça Restaurativa.

Atualmente, posso dizer que me sinto muito mais plena na minha profissão, pois após conhecer a JR pude perceber que ela é um poderoso remédio que cura as relações, cura os corações e a alma das pessoas e assim promove a transformação na sociedade.

Através da Justiça Restaurativa fui entendendo que tudo e todos estavam conectados, verifiquei que existia sempre a questão do dano que aparecia em todas as faixas etárias e que tudo estava sempre relacionado a alguém que causava um impacto e que tinha resultados que interferiam na vida de outras pessoas. Isso me motivou a seguir, a buscar mais conhecimento em busca de compreender o dano e suas causas e consequências na vida escolar e assim fomos fazendo os Círculos de Construção da Paz aonde os reflexos iam se emaranhando como uma grande teia de aranha, que promovia a união destes alunos.

Corroborando com esta ideia, afirmam Evans e Vaandering (2018):

[...] Quando criamos ambientes de cuidado onde as necessidades dos alunos são atendidas, há esperança de restabelecimento dos relacionamentos bem como da dignidade, do senso de si e da resiliência. [...] A dignidade está relacionada ao valor, à honra. Quando tratamos os outros com dignidade, reconhecemos sua humanidade. Isso em si, pode ser curativo para alguns. Quando somos tratados com dignidade conseguimos nos ligar aos outros de forma saudável [...] (EVANS;VAANDERING, 2018, p. 94).

O fortalecimento dos relacionamentos tornava-se visível e os valores morais e éticos nasciam espontaneamente sendo percebidos no dia a dia dentro da escola. Vale lembrar que, as interações humanas são recheadas de justiça, não temos como desvincular este conceito, todo ser humano na maioria das vezes não percebe quando as relações são saudáveis, para ele isso é normal. Porém, ao passar por algo que julga ser injusto, logo se empodera de um sentimento de justiça e instintivamente parte para o ataque buscando defender suas ideias e convicções. É neste momento que podemos ver a magia transformadora acontecer, porque nos Círculos as pessoas falam de si, do que sentem e desta forma é possível que ela mesma se veja mais profundamente como também produz aos outros a sensação de entender o que certas atitudes ocasionam trazendo muitas vezes consequências drásticas e algumas vezes irreversíveis.

A Justiça Restaurativa nos permite uma troca de olhar, onde as lentes mudam e conseguimos enxergar por um novo ângulo. Muitos alunos

chegam à escola agitados, querendo isolamento, apáticos a tudo que é oferecido em termos de ensino, mas muitas vezes agem assim devido a situações conflitantes que geralmente trazem de casa. Quando chegam à escola precisam estar aptos para a aprendizagem, porém nem sempre isso é possível. Como pode, por exemplo, um aluno que passou por violência durante a madrugada chegar de manhã bem e aberto para os estudos de forma plena? Impossível para adultos e assim também acontece com crianças e adolescentes, porém nem sempre este quadro é levado em consideração e na maioria das vezes é assim que se desencadeia o caos na sala de aula.

É basilar compreendermos a Justiça Restaurativa escolar por meio de lentes restauradoras que nos direcionam para os princípios da JR criados por Zehr (2015):

A lente ou filosofia restaurativa traz cinco princípios ou ações-chave:

1. Focar, antes de tudo, os danos e consequentes necessidades da vítima mas também da comunidade e do ofensor.
2. Tratar das obrigações que resultam daqueles danos (as obrigações dos ofensores, bem como da comunidade e da sociedade).
3. Utilizar processos inclusivos, cooperativos.
4. Envolver a todos que tenham legítimo interesse na situação, incluindo vítimas, ofensores, membros da comunidade e da sociedade.
5. Buscar reparar os danos e endireitar as coisas na medida do possível (ZEHR, 2015, p.49).

Independentemente da idade da criança ela também tem seus conflitos, ela pode sentir todas as situações que a rodeia e por esta razão nunca se pode subestimar o entendimento de uma criança pela pouca idade. Certamente dentro do olhar dela e do campo de visão que ela tem, ela pode sofrer com danos que está presenciando e muitas vezes quando esta situação não é tratada ela pode acarretar danos para si que a prejudicará durante toda a sua vida adulta. Ela sabe exatamente quando as coisas não caminham bem, ou seja, a criança é como uma esponja que absorve emoções e consegue perceber conflitos.

Os alunos muitas vezes precisam de socorro, mas dificilmente são enxergados e através da Justiça Restaurativa posso afirmar que já ajudei muitas vidas. Estes ensinamentos que são trazidos pela JR certamente se fixam na vida das pessoas que passam por este processo, pois cada Círculo é mágico e oportuniza um ambiente sadio, onde por meio do bastão da fala todos tem a oportunidade de falar e de escutar o outro, cada um no seu momento.

Durante os Círculos podemos perceber que os alunos sentem segurança para expressarem o que sentem, sabem que não serão julgados e que todos estão ali para ajudar e serem ajudados. Sendo assim, estas abordagens rompem paradigmas, abrem as portas para o novo, não permitem que punições sem sentido sejam aplicadas e agem efetivamente por meio da autorreflexão. Como tudo que envolve a emoção, não temos como prescrever receitas prontas de como resolver os conflitos enfrentados, nem de como iremos conduzir nossas ações de forma totalmente preestabelecida, porém o fato de todos saberem que juntos podemos construir soluções, faz com que os alunos se apoiem e ajudem uns os outros baseados nas suas próprias experiências e assim as soluções vão sendo construídas. Isso faz com que nós possamos colaborar para uma sociedade apoiada na empatia, na formação integral do aluno.

Desta forma, todo esse contexto que os alunos absorvem durante os Círculos que envolvem a Cultura da Paz acaba reverberando para o mundo. Todos que tomam contato com a Justiça Restaurativa acabam sendo multiplicadores destas abordagens e sem perceber acabam disseminando a JR que age baseada na prevenção da violência e na promoção dos princípios éticos e morais que sustentam a boa convivência entre as pessoas.

Círculo de Celebração de Amizade



Ao longo destes três anos envolvida neste trabalho pude perceber o quanto esta prática é eficaz, até mesmo os alunos mais distantes aos poucos foram se aproximando, até que sem perceber em pouco tempo já estavam fazendo parte de todo contexto que nada mais é do que uma pacificação.

Nas escolas que apliquei os Círculos sempre obtivemos excelentes resultados, tanto com crianças como adolescentes e outro resultado surpreendente que tive foi com os pais dos alunos que também fizeram parte dos Círculos e sempre saíram satisfeitos. Alguns relataram que estavam saindo “aliviados e com novas ideias”, isso para mim é gratificante, tendo em vista que abrindo a visão dos pais para refletirem sobre suas ações e o que cada criança

espera deles estamos efetivamente fazendo parte de toda a construção do conceito de Justiça Restaurativa.

Muitas crianças e adolescentes relatam a falta de espaço que possuem para falar, isto muitas vezes faz com que eles se desesperem e fiquem nervosos, se sentem desvalorizados e tudo isso é totalmente compreensível. Claramente percebemos que um aluno que tem problemas familiares na maioria das vezes não conseguem rendimentos satisfatórios na sala de aula.

Muitos destes alunos são frutos de agressões físicas e psicológicas, do consumismo infantil desenfreado, do individualismo e da frieza nas relações humanas. São conflitos de todo tipo que se pode imaginar e levando este panorama em consideração passamos a entender certas reações que passam a ser traduzidas como pedidos de socorro.

Muitos professores ainda possuem resistência frente a JR aplicada nas escolas, defendendo a ideia de que nosso compete é somente direcionado as disciplinas como Língua Portuguesa, Matemática, Geografia, História, etc. Mas como desvincular a Educação da afetividade uma vez que trabalhamos com vidas? A Justiça Restaurativa desde quando a conheci se tornou minha companheira, minha companhia de todas as horas dentro da sala de aula. Ainda quando eu não estou executando um Círculo com todo o seu roteiro a ser seguido, muitas vezes me pego aplicando as abordagens restaurativas. Elas norteiam o meu trabalho e são dotadas de um poder que leva o aluno a fazer uma autorreflexão e se centrar nas boas ações. Meu trabalho se tornou muito mais fácil e mesmo em situações difíceis a JR faz fluir, através das suas metodologias e novas ações que apaziguam quando os ânimos estão exaltados. Ações que transmutam refletidas em novas perspectivas e assim me deparo com o prazer de fazer o que faço.

Sou uma professora que sente que pode ajudar “vidas” através de uma nova ferramenta que é a Justiça Restaurativa. Certamente, até o final da minha carreira estarei trilhando este caminho, o caminho da pesquisa sobre a JR e dos estudos pautados em situações inusitadas que acontecem a cada novo Círculo. Toda vez novas histórias, sempre aprendo muito mais do que ensino e isso faz com eu possa ir registrando a minha própria historia e além

de tudo vou deixando meu legado e entendendo minha missão neste mundo, buscando compreender porque estou aqui e agora escrevendo esta dissertação.

Muitos foram os casos que participei e alguns ficam registrados no subconsciente para sempre, relatarei alguns deles na mesma intensidade com que vivi, mesmo sendo esta uma difícil tarefa, tendo em vista que os Círculos envolvem, atingem o nosso mais profundo sentimento. Quando estamos participando de um Processo Circular podemos sentir quase que na pele a dor, mas também, a alegria de pessoas que ali despretensiosamente resolvem entregar-se a uma nova experiência, jogam-se de cabeça e se desnudam sem constrangimento e é essa pureza que faz com que todos se sintam pertencentes naquela situação.

É muito gratificante quando sou abordada por crianças e adolescentes que me perguntam: Professora vai ter Círculo hoje? Estas indagações servem como uma espécie de termômetro que mede quando está na hora de novamente entrar em ação. É sempre um novo desafio, é sempre uma nova experiência e isso faz com que não nos entreguemos a nenhuma zona de conforto, a ebulição e o fervilhamento estão sempre ativados na cabeça de quem conhece a JR. Estamos sempre em estado de alerta, atentos aos mínimos detalhes que surgem nas entrelinhas das falas. Através deste trabalho, muitas vezes desvendamos certos mistérios ocultos que fazem com que o aluno haja de forma estranha, onde tomam atitudes que nos surpreendem pelo grau de violência ou mesmo de repulsa não querendo manter contato com ninguém. Neste sentido, os Círculos são inéditos, eles surpreendentemente criam um clima propenso ao diálogo e a escuta ativa, o respeito pelo outro é exercido descomplicadamente e a Comunicação Não-Violenta faz com que todo esse processo se fortaleça dentro do ambiente.

A Justiça Restaurativa, além de todos os seus benefícios, carrega consigo a oportunidade de buscarmos trabalhar mais estreitamente com as Redes de Apoio de forma mais eficaz. Antes de conhecer a JR, ao detectar uma situação que precisava de apoio, fazíamos os encaminhamentos necessários e sentíamos que nosso dever foi cumprido. Mas agora, pós JR

percebo a importância de trabalharmos em verdadeira parceria, a união de esforços é o que efetivamente funciona.

A diferença é que quando utilizamos a Justiça Restaurativa e solicitamos apoio os profissionais se unem e fazem os Círculos, onde todos trabalham coletivamente no caso até o seu desfecho. Agir isoladamente não faz parte da metodologia da JR, sempre nos apoiamos mutuamente.

Todos nós precisamos uns dos outros, um trabalho complementa o outro e esse processo de dar e receber é encantador. Aprendi com a JR a entender ainda mais sobre a importância de tornar extinto o individualismo e isso só é possível quando atuamos com a mente aberta e receptiva, entendendo que o bem da comunidade é o nosso próprio bem.

Sou uma Facilitadora da Justiça Restaurativa, por onde passo para falar sobre a JR enfatizo que todos podem fazer uso dela por meio de suas abordagens restaurativas, essa é uma dúvida frequente de muitos professores que ainda não fizeram a capacitação, mas se identificam com esse método que leva a possibilitar a todos que passam por esta experiência uma convivência mais feliz e justa.

Ouvir os alunos é libertador, esse ato desamarra preconceitos onde muitas vezes são criadas falsas imagens para camuflar feridas mortais. Conseguimos entrar no coração deles em seus sonhos e pesadelos e desta forma podemos colaborar para a vida dos nossos alunos ancorados na certeza de que todos possuem necessidades e buscam ações para satisfazer as mesmas, mas nem sempre o caminho escolhido é o ideal.

Somente através da sensibilização podemos transformar de fato uma situação, é preciso trazer à tona a humanidade daquele que se desumanizou. O mundo está impaciente, todos querem ser ouvidos, mas dificilmente se quer ouvir o outro.

Esse aspecto foi observado no estudo de Capellari (2012):

Com um coração grandioso como o da Girafa, somos capazes de nos mover em direção a uma dimensão mais vertical da vida humana, nos conectando emocional e espiritualmente com os demais. Existe uma reação emocional intensa de bem-estar quando nos sentimos mais integrados como seres humanos,

“mais gente”, como diz o ditado popular. (CAPELLARI, 2012, p.67).

A Justiça Restaurativa aplicada nas escolas em Santos funciona com a plena certeza de que o controle sobre o outro através de suspensões, castigos e ocorrências de nada servem a não ser deixar o aluno que cometeu o dano ainda mais agressivo, voltando da punição ainda pior. Abrindo mão destes métodos antigos e dando espaço ao novo temos a certeza de que as sanções sem diálogo produzem resultados insatisfatórios e o dano volta a acontecer em curto espaço de tempo.

O sucesso da Justiça Restaurativa consiste na responsabilidade coletiva, quando você escuta do outro a dor que você causou a ele, acredita-se que é possível na maioria dos casos a compreensão da extensão das nossas ações. Só enxergamos as situações quando nos colocamos no lugar da vítima e aí surge a celebre pergunta: E se fosse comigo?

A partir daí é possível haver o resgate do que entendemos por justo dentro das relações interpessoais e é neste momento que as transformações passam a existir. Sendo assim, a JR além de tratar do dano causado também previne e busca evitar que toda a violência volte a acontecer.

Outro caso que muito me chamou a atenção foi o caso de uma aluna negra, tinha dez anos de idade, filha de pais separados e vivendo com padrasto e outros irmãos. Em suma, tinha uma vida bem desregrada e difícil visto que as brigas eram constantes e sua mãe era uma pessoa bem desorientada emocionalmente. Esta aluna vinha sendo hostilizada pelas outras colegas de classe por ter cabelo bem curto e muito crespo, este perfil parecia que não era aceito por não ser o padrão de beleza julgado por elas. A referida aluna vinha se mostrando triste, seu sorriso que no início das aulas era largo foi sumindo como fumaça, dia a dia foi se apagando. Quando questionada se algo estava acontecendo ela respondia chorando que não, me dizia que estava tudo bem com a boca mas não com os olhos. Chamei a mãe da menina para conversar a respeito e ela relatou sua rotina conturbada, o que demonstrou grande desestabilidade emocional e neste sentido percebi que tinha pouca

condição de ajudar sua filha já que relatava não conseguir resolver seus próprios problemas.

Depois de me apropriar daquela situação passei a fazer os Círculos e por muito tempo aquela aluna não falava nada e eu respeitava seu silêncio, pois no Círculo ninguém é obrigado a falar então continuei aplicando os Círculos até que um dia diante de uma fala de uma colega aquela aluna resolveu pedir para falar e relatou a sua dor. Disse que gostaria muito de fazer parte do grupo das meninas, mas que as mesmas disseram a ela que não poderia fazer parte do grupo porque não tinha roupas bonitas além do seu cabelo que era feio. Enfim, segundo elas a menina não estava dentro dos padrões de beleza exigidos por elas e por isso haviam excluído ela da convivência do grupo. Isso resultou em muita dor, a autoestima desta aluna estava tremendamente prejudicada e ela passou a ter vergonha da sua imagem. No final do seu relato ela disse que só gostaria de ser aceita do jeito que era, ela só queria poder ser feliz de novo. Nesse momento as alunas que haviam excluído ela se levantaram e deram um abraço coletivo, disseram que nunca poderiam imaginar a dor que haviam causado e o tamanho do erro que cometeram. As relações foram reconstruídas e aos poucos a aluna voltou a sorrir.

Muitas vezes quando os problemas tornam-se invisíveis e ninguém estende as mãos o tamanho dele tende a se multiplicar e muitas vezes o estrago é irreparável levando até as situações mais graves como o suicídio infantil. Essa atitude muitas vezes acontece não porque a criança quer morrer, mas sim em busca de acabar com o sofrimento pelo qual estão passando.

A Justiça Restaurativa também colabora nestes casos onde crianças e adolescentes passam por problemas e não encontram ninguém para conversar e dividir o que estão sentindo. Através dos Círculos são criados espaços onde estas crianças e adolescentes são ouvidos e onde seu problema é levado em consideração pelo grupo. Essa sensação de cuidado coletivo cura e abastece com laços de afetividade que são despertados e fortalecidos a cada encontro.

Infelizmente, a escola devido a sua pluralidade alimenta muitos conflitos entre os alunos e muitas vezes esses conflitos chegam à violência, justamente a JR veio para a Educação com esta missão de unificar os grupos e fortalecer a sociedade em suas relações preservando o respeito, a empatia e a alteridade.

Sabemos que quando o aluno se sente acuado, pressionado e obrigado a se submeter a concordar com algo que não concorda ele resiste e reage negativamente. Isso leva a uma onda de revolta e violência dentro da escola que só serve para escurecer o ambiente. A Justiça Restaurativa permite que todos os alunos, sejam vítimas ou agressores, tenham espaço para falar e também para ouvir os outros e desta maneira já começam a sentir que são respeitados ainda que tenham que arcar de alguma forma com relação as suas responsabilidades.

Acredito que a Cultura da Paz precisa ser adotada em todos os segmentos, pois através dela a convivência se torna mais saudável e segura. Essa cultura nos traz a aprendizagem cooperativa e é esta ideia de colaboração que traz a conscientização para as crianças e os adolescentes pautados nos valores morais e éticos, oferecendo sempre aos alunos um meio de enxergar soluções pacíficas para os conflitos que surgem. A forma com que se vê o problema é que vai direcionar os meios mais adequados para a resolução da questão.

Evans e Vaandering (2018) ressaltam que os princípios e práticas da Justiça Restaurativa na Educação têm fundamento em duas crenças principais que apontam para o valor que cada ser humano carrega e que eles estão interconectados entre si e com o mundo. O fato de valorizar cada aluno como ser único e importante faz com que eles se sintam mais felizes, valorizados e desabrochem para novas perspectivas, quando se sentem bem e pertencentes tudo flui de maneira muito mais positiva. Dentro deste aspecto, é importante enfatizar que o cuidado mútuo, a dignidade e o respeito são valores centrais que sustentam a Justiça Restaurativa nas escolas.

Inúmeras são as pesquisas que apontam as necessidades universais básicas que atendem as necessidades humanas e em todos os setores elas se perpetuam. Abraham Maslow e Carl Rogers foram precursores

destas teorias que se apoiam na autonomia, no pertencimento e no senso de competência e para completar essa ideia Howard Zehr apontou três pilares para a Justiça Restaurativa que também aponta a autonomia como o controle sobre o próprio destino, a ordem que envolve a confiança no mundo e na forma que ele funciona e na relacionalidade que busca a conexão nos relacionamentos.

A minha relação com a Justiça Restaurativa me faz crer que ela é um processo comunitário que nos ensina a sermos mais humanos em nossas atitudes diante de todas as desumanidades, com ela são criados espaços seguros que preservam as pessoas e as levam a refletir sobre a virtude da boa convivência a partir das corresponsabilidades que são geradas nesse processo.

Desde que conheci a Justiça Restaurativa me sinto mais viva, ela não só enriqueceu minhas práticas pedagógicas, mas também mudou minha vida em todos os aspectos. Aprendi que o prejulgamento é um grande erro, o primeiro passo é sempre ouvir os dois lados e buscarmos nos colocar no lugar do outro.

Nas escolas que aplicam a Justiça Restaurativa uma característica importantíssima é que as decisões curriculares são feitas coletivamente, respeitando as diversas opiniões independente de política, raça, linguagem, gênero, renda, orientação sexual ou habilidades.

Nas escolas municipais de Santos, com o apoio da Justiça Restaurativa já podemos perceber que o poder se faz através do apoio e da empatia fortalecendo a horizontalidade nas relações entre professores e alunos, isso contribui ainda mais para que a cidade de Santos tenha o título que recebeu e faz jus a esse mérito sendo ela uma cidade educadora que realmente investe em novas possibilidades que perpetuam esta honraria.

Esse procedimento é eficaz na maioria dos casos, capaz de extinguir muitos conflitos que certamente deixam de existir quando envolvemos toda a gama das práticas restaurativas que estudaremos no próximo capítulo. Ademais vale ressaltar que, a Justiça Restaurativa na Educação e em todas as escolas municipais de Santos onde a adotamos, tem sempre o mesmo propósito que é ajudar a criar uma cultura de diálogo, de paz e de respeito

coletivo e assim certamente conseguimos fazer com que o nosso aluno aprenda mais e melhor.

REFERÊNCIAS – Falta organizar

ALVES, R. A alegria de ensinar. São Paulo: Papirus, 2012.

AGUIAR, C. Z. B. Mediação e Justiça Restaurativa: a humanização do Sistema Processual como forma de Realização dos Princípios Constitucionais. São Paulo: Quartier Latin, 2009.

AZEVEDO, M.; GUERRA, V. Mania de bater: a punição corporal doméstica de crianças e adolescentes no Brasil. São Paulo: Iglu, 2001.

BENEDETTI, J. C. Tão próximos, Tão distantes: a Justiça restaurativa entre Comunidade e Sociedade. Dissertação de Mestrado Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, 2009.

BONAVIDES, S. M. P. B. A auto-estima da criança que sofre violência física pela família. 2005 pegar editora e cidade

BRASIL CONGRESSO. Câmara dos Deputados. Comissão de legislação participativa Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de publicações, 2007.

CAMARGO, P. Justiça para todos: Pátio Revista Pedagógica. Porto Alegre: Artmed, Ano XIII, Nº 50, p. 34-37, Maio/Jul 2009.

CAPELLARI, J. ABC do Girafês: aprendendo a ser um comunicador emocional eficaz. Curitiba: Multideia, 2012.

CASAGRANDE, N.; SILVA, P. A viabilidade de um novo modelo de Justiça Criminal: Justiça Restaurativa. Revista da UNIFEBE, Santa Catarina, V. 1, nº 10, p. 257-269, jul/dez 2012. Disponível em: <periodicos.unifebe.edu.br.>. Acesso em 20 Nov. 2017.

COSTA, A. A presença da Pedagogia: métodos e técnicas de ação socioeducativa. São Paulo: Global, 1999.

CURY, A. Pais brilhantes, Professores fascinantes: A educação inteligente: formando jovens pensadores e felizes. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

CURY, A. Treinando a emoção para ser feliz. São Paulo: Planeta, 2014.

CHAUL, M. Perspectivas antropológicas da mulher. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

DELORS, J. Educação: um tesouro a descobrir. 7. Ed. São Paulo: Cortês; Brasília, DF: UNESCO, 2012.

DIMENSTEIN, G. O cidadão de papel: A infância, a adolescência e os Direitos Humanos no Brasil. 24 Ed. São Paulo: Ática, 2012.

ÉLLIOTT, E. M. Segurança e Cuidado: Justiça Restaurativa e sociedades saudáveis. São Paulo: Palas Athena, 2018.

EVANS, K.; VAANDERING, D. Justiça Restaurativa na Educação: promover responsabilidade, cura e esperança nas escolas. São Paulo: Palas Athena, 2018.

FERREIRA, J. O Programa de humanização da saúde: dilemas entre o relacional e o técnico. Saúde e Sociedade. São Paulo: 2005. Disponível em: WWW.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=s0104129020050003000078&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 19 nov. 2017. [Links]

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. Pedagogia do Oprimido. 63. Ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

EDNIR, M. (Org.). Justiça e Educação em Heliópolis e Guarulhos: parceria para a cidadania. Rio de Janeiro: CECIP, 2007.

GAGNÉ, S. N.; DRAPEAU, S.; MELANÇON, C.; SAINT-JACQUES, M. C.; LÉPINE, R. (2007). Links between parental psychological violence, other family disturbances, and children's adjustment. Family Process, 46.

GANDHI, M. Palavras de paz. São Paulo: Cidade Nova, 1990.

GERHARDT, T. E. ; SILVEIRA, D. T. EAD Série Educação a distância: Métodos de Pesquisa. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2009.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2007.

_____. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

JACCOUD, M. Princípios, tendências e procedimentos que cercam a justiça restaurativa. In: SLAKMON, C. et al. (Org). Justiça Restaurativa: coletânea de artigos. Brasília: Ministério da Justiça: PNUD, 2005.

JARES, X.R. Pedagogia da Convivência. São Paulo: Palas Athena, 2008.

JARES, X.R. Educar para a paz em tempos difíceis. São Paulo: Palas Athena, 2007.

LEDERACH, J. P. Transformação de Conflitos. 1. Ed. São Paulo: Palas Athena, 2012.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. Pesquisa qualitativa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: Editora Pedagógica e universitária, 2012.

MARSHALL, C.; BOYACK, J. ; BOWEN, H. Como a Justiça Restaurativa Assegura a Boa Prática? Uma Abordagem Baseada Em Valores In Justiça Restaurativa (Coletânea de Artigos) / SLAKMON, C., VITTO, R. C. P. de e PINTO,

R. S. G. (Org). Brasília: Ministério Público e Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento: PNUD, 2005.

MARSHALL, R. Comunicação Não-Violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. 4. Ed. São Paulo: Ágora, 2006.

MARSHALL, T. Restorative Justice: An Overview. Crown Copyright, 1999. ISBN 1 84082 2449.

MELO, E. R. Justiça Restaurativa e seus desafios histórico-culturais. Um ensaio crítico sobre os fundamentos ético-filosóficos da Justiça Restaurativa em contraposição à Justiça Retributiva In: SLAKMON, C. et al. (Org). Justiça Restaurativa: coletânea de artigos. Brasília: Ministério da Justiça: PNUD, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. 21. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. MOREIRA, M. Afetividade. Disponível em: [HTTP://www.bolsademulher.com.br](http://www.bolsademulher.com.br). Acessado em 25 out. 2017.

MORIN, E. Os sete saberes necessários à Educação do futuro. 2 Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MULLER, J. M. Não Violência na Educação. São Paulo: Palas Athena, 2006.

MULLET, J. H.; AMSTUTZ, L. S. Disciplina Restaurativa para Escolas: responsabilidade e ambientes de cuidado mútuo. 1. Ed. São Paulo: Palas Athena, 2012.

OLIVEIRA, F. N.; Justiça Restaurativa no Sistema Justiça da Infância e da Juventude: um diálogo baseado em valores. Porto Alegre: PUCRS, 2007. 161 f.

Dissertação (Mestrado em Serviço Social), Faculdade de Serviço Social: Pontífica Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS: Resoluções 12, 126. Princípios Básicos para utilização de programas de Justiça Restaurativa em matéria criminal, 24 de julho de 2002. Disponível em: <[HTTP://www.justica21.org.br](http://www.justica21.org.br)>. Acesso em: 10 out. 2017.

ORTEGAL, L. Justiça Restaurativa: Um caminho alternativo para a resolução de conflitos in Revista do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária. Vol. 1, nº 21. Brasília: Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária, 2008.

PALLAMOLA, R. Justiça Restaurativa: da teoria à prática. 1. Ed. São Paulo: IBCCRIM, 2009.

PIAGET, J. Psicologia e Pedagogia. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1985.

PINTO, R. S. C. Justiça Restaurativa: um caminho para os Direitos humanos? In: Justiça Restaurativa: textos para debates. Porto Alegre, Ed. IAJ – Instituto de Acesso à Justiça, 2004.

PRANIS, K. Processos Circulares. São Paulo: Palas Athena, 2010.

ROSENBERG, M. B. Comunicação Não-Violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. São Paulo: Ágora, 2006.

SANTOS, M. L.; GOMIDE, P. I. C. Justiça Restaurativa na Escola: Aplicação e Avaliação do Programa. Curitiba: Juruá Editora, 2014.

SILVA, F. L. O outro. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

SILVA, J. M. A autonomia da escola pública: a re-humanização da escola. 3. Ed. Campinas: Papyrus, 1998.

TRIVIÑOS, A. Introdução a pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VIGOTSKI, L. S. Quarta aula: A questão do meio na pedologia. (VINHA, M. P., trad). Trabalho original publicado em 1935

WILBER, K.; PATTEN, T.; LEONARD, A.; MORELLI, M. A Prática de vida Integral: um guia do século XXI para saúde física, equilíbrio emocional, clareza mental e despertar espiritual. São Paulo: Cultrix, 2011.

ZALUAR, A.; LEAL, M. C. Violência extra e intramuros. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 16. (verificar ano)

ZEHR, H. Justiça Restaurativa. São Paulo: Palas Athena, 2015.

_____. Trocando as lentes: um novo enfoque sobre o crime e a Justiça. São Paulo: Athenas, 2008.

GÓMEZ, A. I. Pérez. **As Funções Sociais da Escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência** (cap. 1). In: SACRISTÁN, J. Gimeno; GÓMEZ A. I. Pérez. **Compreender e Transformar o Ensino**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003, p. 13-26.

_____. **Compreender o Ensino na Escola: Modelos Metodológicos de Investigação Educativa** (cap. 5). In: SACRISTÁN, J. Gimeno; GÓMEZ A. I. Pérez. **Compreender e Transformar o Ensino**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003, p. 99-118.

MINAYO, M. C. S; DESLANDES, S. F; GOMES, R. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2016.

PÉREZ GÓMEZ, A. I. **As Funções Sociais da Escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência**. In GIMENO SACRISTÁN, J.; PÉREZ GÓMEZ, A. I. **Compreender e Transformar o Ensino**. 4 ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

ANEXOS

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS
MESTRADO PROFISSIONAL
PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO FUNDAMENTAL

FLÁVIA MARIA LOURENÇO DA COSTA

DESENSOLVIMENTO DE SITE PARA PESQUISA SOBRE A
JUSTIÇA RESTAURATIVA

SANTOS
2019

FLÁVIA MARIA LOURENÇO DA COSTA

**DESENSOLVIMENTO DE SITE PARA PESQUISA SOBRE A
JUSTIÇA RESTAURATIVA**

Produto Pedagógico da Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Metropolitana de Santos para obtenção do título de mestre em Práticas Docentes no Ensino Fundamental.

Orientadora: Prof.^a Dra. Elaine
Marcílio dos Santos

Coorientadora: Prof.^a Dra. Abigail
Malavasi

SANTOS

2019



“As Ilhas Emocionais dos Conflitos Humanos” – Alexander Milov

Qual é a diferença entre conflito e confronto? Numa convivência há conflitos, isto é, divergências de posturas, de posições, de ideias. Confronto é a tentativa de anular o outro, é bater de frente. Num confronto, eu quero que o outro perca. No conflito quero que os dois ganhem, que eu e o outro saíamos ilesos daquela situação (CORTELLA, p. 57, 2018).

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	94
1.	OBJETIVOS 98
1.1.....	Objetivo Geral 98
1.2.....	Objetivos Específicos 99
2.	PÚBLICO-ALVO 99
3. METODOLOGIA: O SITE – WWW. PEDAGOGIARESTAURATIVA.COM.....	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	116

APRESENTAÇÃO

No momento atual vivenciado pela sociedade, a violência tem imperado no senso coletivo, sendo notório o distanciamento entre as pessoas, onde a falta de diálogo e empatia são comuns nos relacionamentos. Sendo assim, são inúmeras as situações que surgem derivadas desses comportamentos no contexto escolar, onde pude observar *in loco* muitos conflitos se transformarem em confrontos.

Nesse sentido, diante dos meus questionamentos e angústias que se traduziram muitas vezes em impotência, verifiquei que precisava me nutrir com algo que pudesse me auxiliar em momentos difíceis enquanto profissional da Educação.

Foi então que me abri para novas experimentações, e conheci a Justiça Restaurativa (JR), onde hoje a reconheço como peça fundamental da minha *práxis*.

Ao me formar Facilitadora da Justiça Restaurativa senti a necessidade de me aprofundar cada vez mais nesse universo que se apoia na Cultura de Paz. Fui buscar novos conteúdos que agregassem as práticas educativas com as práticas da JR, e assim prossegui com as minhas pesquisas sobre tudo o que se passava acerca desse tema no Brasil e no exterior.

Avancei nas pesquisas e investiguei sobre conteúdos que me trouxeram todo o movimento das práticas restaurativas de maneira funcional, como elas estavam sendo aplicadas em todas as ambiências dando ênfase às escolas, para que eu pudesse fortalecer o meu conhecimento sobre o assunto.

Dessa maneira, dei início também a minha pesquisa digital, vasculhando cuidadosamente as peculiaridades da JR. Contudo, para a minha surpresa, percebi que no mundo virtual os conteúdos que abarcam essa metodologia são pulverizados, as publicações estão dispersas, e eu demorava muito tempo para encontrá-las.

Em resposta a essa inquietação pessoal, busquei auxílio de especialistas da área digital e formulei o site www.pedagogiarestaurativa.com, o qual deve funcionar como repositório de conteúdos de origem acadêmica, bem como perspectivas globais, ligadas a

teoria e a prática da metodologia da JR e seus meios de aplicação. Esse domínio foi escolhido porque acredito que somente por meio da humanização é possível restaurar as relações e assim, se tornam praticáveis as transformações intra e interpessoais.

Quando defini o nome Pedagogia Restaurativa foi pensando na pedagogia capaz de restaurar, baseada em saberes que descartam o egoísmo e a intolerância, trazendo a tona o desenvolvimento integral do ser humano, a fim de reequilibrar as relações, restabelecer vínculos que foram quebrados, e por consequência enfraquecer o fenômeno da violência.

Ao construir esse *site*, visei colaborar com a propagação da JR, e compartilhar tudo o que reuni de informações dentro de uma perspectiva de grande alcance, todos os conteúdos encontrados são frutos de fontes de pesquisa confiáveis que foram aglutinados em um único espaço proporcionando diversas possibilidades de aplicação da JR por meio da expansão do conhecimento.

Além disso, minha intenção foi criar um espaço de comunicação que favorece o diálogo entre simpatizantes e colaboradores da JR que podem interagir sobre o assunto, trocar ideias, experiências, construir coletivamente novas possibilidades, e tecer diálogos que possam enriquecer ainda mais os conteúdos dispostos.

Dentro dessa ótica, Souza, et. al. (2011) enfatiza:

A criação de conhecimento requer interação entre as pessoas. Indivíduos trabalham em rede, compartilham conhecimentos através de sistemas colaborativos e precisam gerenciar os documentos, a informação e o conhecimento. Os processos de conversão do conhecimento (socialização, externalização, combinação e internalização), expandem o conhecimento coletivo, conhecimento do grupo e das organizações. Para garantir o fluxo de conhecimento, é necessário a reposição de repositório de conhecimento compartilhado que dão origem a Memória de Grupo (MG). Os Sistemas Colaborativos apoiam a Gestão da Memória de Grupo ao darem suporte aos processos de construção do conhecimento, sua distribuição e aplicação (SOUZA, et. al. 2011. p.8)

Com o intuito de reunir e compartilhar os conteúdos citados, iniciei a construção do referido *site* de forma artesanal, verifiquei pessoalmente tudo o que seria publicado para que tivesse conexão direta com JR. Vale ressaltar

que o *site* apresenta uma repartição contendo citações e outra contendo artigos, dissertações e teses ratificando a veracidade dos conteúdos..No campo da coleção de citações, foram citadas obras de autores de referência na área, bem como as informações catalográficas para facilitar o estudo dos pesquisadores. Assim, procurei trabalhar projetando caminhos que proporcionem aos professores e demais aplicadores da JR, ferramentas que os conduzam a navegar pelo *site* confortavelmente.

Meu intuito em criar esse *site* foi de fato disseminar conteúdos gerais sobre JR desde a sua descoberta para uma compreensão mais ampla, bem como multiplicar as experiências obtidas, partindo dos resultados pessoais que colhi e também de todas as pessoas que fazem uso dessa metodologia.

Nesse sentido, Moura (2004) afirma que o professor, via de regra, vai intuitivamente e empiricamente construindo a sua própria didática calçada nos modelos que conheceu como aluno e no bom senso que ajude a filtrar os procedimentos que “funcionam”.

É basilar compreender que mesmo sendo a JR uma Política Pública na cidade de Santos (cidade escolhida para desenvolver a referida pesquisa envolvendo as Unidades Municipais de Educação), muitas pessoas ainda não a conhecem por isso, pensei global e atentei para que essa realidade pudesse acontecer também em muitas outras localidades. Refleti então sobre a relevância de colocar à disposição de todos mais essa fonte de pesquisa sobre a JR, e dessa forma a criação desse *site*, canaliza uma ampla gama de informações vindas de todas as partes do mundo sobre a JR, onde essa troca de conteúdos faz com que o movimento da JR cresça cada vez mais.

Dentro dessa premissa, acredito que esse *site* será mais um veículo de comunicação de suma importância em prol da JR, e essa perspectiva de poder compartilhar com o mundo minhas pesquisas através da internet otimizando essa pluralização, me deixou ainda mais animada e esperançosa, tendo em vista a minha vontade de ver a JR como um instrumento facilitador usado no cotidiano de todas as escolas, visando uma sociedade mais saudável e feliz. Moura (2004) afirma que:

A rede mundial de computadores, internet ou www (World Wide Web) ocupa um espaço cada vez maior no dia-a-dia pessoal e profissional. Sua existência tem sido imposta na vida de todos, seja por anúncios na televisão, revistas ou jornais. Para muitos é uma presença mística, uma super-presença (MOURA, 2004, p. 10).

A sociedade atual tem sede de conhecimento, e os meios de comunicação digital estão se especializando a cada dia e se tornando o caminho mais rápido para a propagação das informações. A internet é um instrumento tecnológico poderoso, e assim se torna talvez o maior propagador de saberes devido a questão do amplo acesso, onde as pessoas podem acessar o que desejam, com comodidade sem ter que sair de casa para isso.

Tracei o meu plano de construção e vislumbrei o *site* que será disposto da seguinte maneira: na página inicial um cabeçalho com o menu onde é possível visualizar as 16 repartições (abas) abastecidas com assuntos destacados separadamente. Dentre elas, em destaque estão vídeos, postagens de frases reflexivas, definições teóricas, alertas da atualidade, dicas de livros, textos reflexivos, galeria da JR, entre outros, tudo elaborado no sentido de deixar toda a navegação prazerosa e dinâmica.

Enfatizo que joguei luzes na repartição dos Processos Circulares, que são os principais veículos utilizados pela JR para a sua aplicação e maior eficácia. Além disso, me especializei na aplicação dos mesmos e expressei meu desejo de entusiasmar outras pessoas a experimentarem fazer uso dessa metodologia que considero bastante eficaz na resolução de conflitos e na prevenção da violência.

Diante do exposto, expressei o meu desejo de reverberar minhas experiências com a JR, promover um espaço virtual que oportunize uma valiosa troca de saberes entre pessoas interessadas por essa metodologia. Esse desejo de partilha brota dos benefícios que recebi e também pude oferecer, todas as vezes que trabalhei fazendo uso da JR e dos Processos Circulares.

1. OBJETIVOS

Aqui serão apresentados os objetivos: geral e específicos do referido *site*.

1.1 Objetivo Geral

Desenvolver um *site* voltado para pesquisa e ensino a partir do levantamento bibliográfico e relatos de aplicações da Metodologia da Justiça Restaurativa (JR) nas escolas, bem como demais segmentos institucionais da sociedade.

1.2 Objetivos Específicos

- Estimular os profissionais a conhecerem a Metodologia da Justiça Restaurativa (JR) e todas as práticas para sua aplicação.
- Descrever como são realizados os Processos Circulares dentro do ambiente escolar, como meio condutor da Justiça Restaurativa (JR).
- Estabelecer discussões acerca do tema da Justiça Restaurativa (JR) e seus meios de aplicação no ambiente escolar.
- Analisar os resultados provenientes da aplicação da Metodologia da Justiça Restaurativa (JR) nas instituições escolares.
- Construir de modo colaborativo saberes sobre as Práticas Restaurativas, ampliando o repertório conceitual desta temática.
- Identificar em que medida a Justiça Restaurativa (JR) contribui para o desenvolvimento integral do aluno.
- Reconhecer a Justiça Restaurativa (JR) como método autocompositivo na resolução de conflitos.

2. PÚBLICO-ALVO

Profissionais da Área Educacional, Administrativa e Econômica, das Ciências da Saúde, das Ciências Sociais e Ciências Sociais Aplicadas, demais interessados em conhecer sobre a temática da Justiça Restaurativa (JR) e suas múltiplas aplicações.

3. METODOLOGIA: O SITE – WWW.PEDAGOGIARESTAURATIVA.COM

A seguir apresento imagens do *site* e suas respectivas descrições para um melhor entendimento de sua organização e do seu funcionamento.

Justiça Restaurativa - Prof.^a Me. Flávia Costa

A Justiça



Restaurativa pode ser implantada em diversas áreas, inclusive escolas e empresas, que busquem conscientizar seus membros sobre a importância da união e da corresponsabilidade.

www.pedagogiarestaurativa.com

Figura 1:
Endereço eletrônico

Fonte: Acervo da Pesquisadora (2019).

Texto compartilhado por meio da redes sociais para divulgação do site www.pedagogiarestaurativa.com contendo o link de acesso aos interessados em conhecer mais sobre a Metodologia da Justiça

Figura 2: Página inicial do site www.pedagogiarestaurativa.com

The image shows a screenshot of a website with a teal header. The URL 'pedagogiaarestaurativa.com' is in the top left, and a star icon is in the top right. The header contains a logo of a caduceus, the name 'Prof.ª Flávia Costa' in a white serif font, and the subtitle 'Facilitadora e Pesquisadora em Justiça Restaurativa'. Social media icons for Facebook and Instagram are on the right. A purple button with a camera icon says 'Conheça meu trabalho com a Justiça Restaurativa! Clique aqui.' Below the header is a navigation menu with teal buttons: 'PEDAGOGIA RESTAURATIVA | PROCESSOS CIRCULARES | GALERIA JR | FÓRUM | AGENDE SUA PALESTRA | CONTATO', 'DICAS PRÁTICAS | BANCO DE VÍDEOS | BANCO DE IMAGENS | BANCO DE CITAÇÕES | BANCO DE TEXTOS REFLEXIVOS | BANCO DE TEXTOS JR', and 'BANCO DE ARTIGOS, DISSERTAÇÕES E TESES JR | BANCO DE NOTÍCIAS JR | ALERTAS DA ATUALIDADE | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMENTADAS'. Two purple buttons are below the menu: 'E-book Grátis!' and 'Inscreva-se AQUI!'. The main content area has a white background with a pink and green floral border. It features the text 'Seja bem - vindo ao mundo da Justiça Restaurativa!' in a purple serif font. To the left is a portrait of Prof.ª Flávia Costa. To the right is a quote in a purple serif font: '"Precisamos acreditar que tudo pode ser transformado. Acreditar na transformação do ser humano é primordial para a evolução mundial."' Below the quote is the name 'Flávia Costa' in a purple serif font.

pedagogiaarestaurativa.com

Prof.ª Flávia Costa
Facilitadora e Pesquisadora em Justiça Restaurativa

Conheça meu trabalho com a Justiça Restaurativa! Clique aqui.

PEDAGOGIA RESTAURATIVA | PROCESSOS CIRCULARES | GALERIA JR | FÓRUM | AGENDE SUA PALESTRA | CONTATO

DICAS PRÁTICAS | BANCO DE VÍDEOS | BANCO DE IMAGENS | BANCO DE CITAÇÕES | BANCO DE TEXTOS REFLEXIVOS | BANCO DE TEXTOS JR

BANCO DE ARTIGOS, DISSERTAÇÕES E TESES JR | BANCO DE NOTÍCIAS JR | ALERTAS DA ATUALIDADE | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMENTADAS

E-book Grátis! Inscreva-se AQUI!

Seja bem - vindo ao mundo da Justiça Restaurativa!



"Precisamos acreditar que tudo pode ser transformado. Acreditar na transformação do ser humano é primordial para a evolução mundial."

Flávia Costa

Fonte: Acervo da Pesquisadora (2019).

Na página inicial realizo minha apresentação pessoal e os interessados já podem visualizar todas as abas disponíveis com as suas

Figura 3: Conheça meu trabalho com a Justiça Restaurativa.



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2019)

Nessa aba são apresentadas as potencialidades da Metodologia da Justiça Restaurativa (JR) e dos Processos Circulares, apontando em que

Figura 4: O que é Pedagogia Restaurativa?



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2019).

A aba apresentada acima expõe em detalhes quais são as funções da Pedagogia Restaurativa nos ambientes institucionais.

Figura 5: Processos Circulares.



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2019).



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2019).

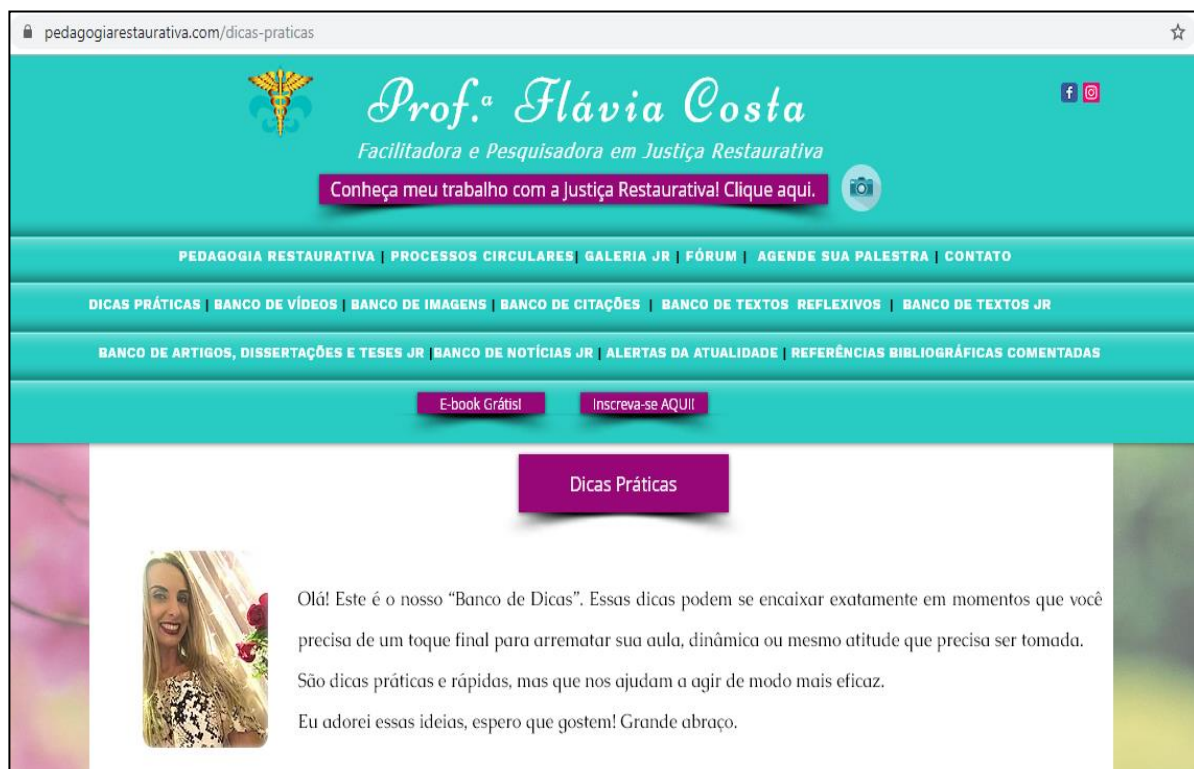
Nessa aba são inseridas fotografias de eventos sociais e acadêmicos que envolvem a Justiça Restaurativa (JR) fazendo uma coletânea que serve de registro do processo de desenvolvimento e de



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2019).

Nessa aba é proposta a participação de interessados na temática da Justiça Restaurativa (JR) como um meio de interação social assíncrona, e a produção corroborativa de conhecimentos para aprimoramento das

Figura 8: Dicas Práticas.



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2019).

Nessa aba são apresentadas várias dicas que os diversos profissionais podem aproveitar para aprimorar a aplicação da Justiça Restaurativa (JR) em suas respectivas realidades.

Figura 9: Banco de Vídeos.

pedagogiarestorativa.com/banco-de-video

Prof.ª Flávia Costa
Facilitadora e Pesquisadora em Justiça Restaurativa

Conheça meu trabalho com a Justiça Restaurativa! Clique aqui.

PEDAGOGIA RESTAURATIVA | PROCESSOS CIRCULARES | GALERIA JR | FÓRUM | AGENDE SUA PALESTRA | CONTATO

DICAS PRÁTICAS | BANCO DE VÍDEOS | BANCO DE IMAGENS | BANCO DE CITAÇÕES | BANCO DE TEXTOS REFLEXIVOS | BANCO DE TEXTOS JR

BANCO DE ARTIGOS, DISSERTAÇÕES E TESES JR | BANCO DE NOTÍCIAS JR | ALERTAS DA ATUALIDADE | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMENTADAS

E-book Grátis | Inscreva-se AQUI!

Banco de Vídeos

Olá,
Aqui você encontrará diversos vídeos relacionados com a personalidade da Justiça Restaurativa. Esses vídeos podem ser utilizados como complemento para reflexões e suplementação para as teorias. Você pode introduzir nas suas práticas diárias, em palestras, aulas, colóquios, exposições acadêmicas etc. São vídeos bem diversificados que abordam a temática da Justiça Restaurativa de maneira bem eclética. Separei cuidadosamente cada um deles, escolha e aproveite sem moderação!

Clique [aqui](#) e deixe sua sugestão no nosso Fórum

Fonte: Acervo da Pesquisadora (2019).

Nessa aba são encontrados diversos vídeos relacionados ou que tenham afinidades com a temática da Justiça Restaurativa (JR) a fim de serem utilizados como instrumentos de apoio na divulgação dos conhecimentos produzidos sobre o tema. Exemplos: palestras, aulas.

Figura 10: Banco de Imagens.

pedagogia restaurativa.com/imagens-pedagogia-restaurativa

Prof.ª Flávia Costa
Facilitadora e Pesquisadora em Justiça Restaurativa

Conheça meu trabalho com a Justiça Restaurativa! Clique aqui.

PEDAGOGIA RESTAURATIVA | PROCESSOS CIRCULARES | GALERIA JR | FÓRUM | AGENDE SUA PALESTRA | CONTATO

DICAS PRÁTICAS | BANCO DE VÍDEOS | BANCO DE IMAGENS | BANCO DE CITAÇÕES | BANCO DE TEXTOS REFLEXIVOS | BANCO DE TEXTOS JR

BANCO DE ARTIGOS, DISSERTAÇÕES E TESES JR | BANCO DE NOTÍCIAS JR | ALERTAS DA ATUALIDADE | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMENTADAS

E-book Grátis! Inscreva-se AQUI!

Banco de Imagens

Olá,
Esse é o nosso Banco de Imagens, aqui você encontrará diversas imagens relacionadas as abordagens restaurativas. Podem ser utilizadas como fonte de inspiração para as suas atividades e para serem apresentadas nos Processos Circulares incrementando os mesmos e promovendo a reflexão.
Avante, coloque sua criatividade para fluir!

Gostou? Compartilhe!

Fonte: Acervo da Pesquisadora (2019).

Nessa aba são apresentadas diversas postagens prontas de cunho reflexivo sobre as práticas restaurativas que podem ser compartilhadas em redes sociais, aulas, seminários, exposições, palestras, etc.

Prof.ª Flávia Costa
Facilitadora e Pesquisadora em Justiça Restaurativa

Conheça meu trabalho com a Justiça Restaurativa! Clique aqui.

PEDAGOGIA RESTAURATIVA | PROCESSOS CIRCULARES | GALERIA JR | FÓRUM | AGENDE SUA PALESTRA | CONTATO

DICAS PRÁTICAS | BANCO DE VÍDEOS | BANCO DE IMAGENS | BANCO DE CITAÇÕES | BANCO DE TEXTOS REFLEXIVOS | BANCO DE TEXTOS JR

BANCO DE ARTIGOS, DISSERTAÇÕES E TESES JR | BANCO DE NOTÍCIAS JR | ALERTAS DA ATUALIDADE | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMENTADAS

E-book Grátis! Inscreva-se AQUI!

Banco de Citações

Olá,
Aqui compartilho com você várias citações que possam colaborar com suas pesquisas. São citações de autores maravilhosos que norteiam as minhas práticas pedagógicas e o meu trabalho relacionado à Justiça Restaurativa. Desfrute de cada uma delas com muita alegria, divirta-se e mãos à obra!

Clique aqui e deixe sua sugestão no nosso Fórum

Fonte: Acervo da Pesquisadora (2019).

Nessa aba ofereço diversas citações de múltiplos autores que trabalham temas ligados as práticas restaurativas, inclusive descrevendo suas informações catalográficas

Figura 12: Banco de Textos Reflexivos.

pedagogiarestaurativa.com/textos-reflexivos

Prof.ª Flávia Costa
Facilitadora e Pesquisadora em Justiça Restaurativa

Conheça meu trabalho com a Justiça Restaurativa! Clique aqui.

PEDAGOGIA RESTAURATIVA | PROCESSOS CIRCULARES | GALERIA JR | FÓRUM | AGENDE SUA PALESTRA | CONTATO

DICAS PRÁTICAS | BANCO DE VÍDEOS | BANCO DE IMAGENS | BANCO DE CITAÇÕES | BANCO DE TEXTOS REFLEXIVOS | BANCO DE TEXTOS JR

BANCO DE ARTIGOS, DISSERTAÇÕES E TESES JR | BANCO DE NOTÍCIAS JR | ALERTAS DA ATUALIDADE | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMENTADAS

E-book Grátis | Inscreva-se AQUI!

Banco de Textos Reflexivos

Clique aqui e deixe sua sugestão no nosso Fórum


No nosso Banco de Textos Reflexivos você poderá encontrar textos que servirão como leitura de fruição para iniciar ou fazer o fechamento de Círculos de Construção da Paz, Palestras, Trabalhos Acadêmicos e Aulas. Clique no título desejado e boa leitura!

Fonte: Acervo da Pesquisadora (2019).

Essa aba oferece textos utilizados para leituras de fruição que promovem caminhos reflexivos para melhor compreensão do Eu e do

Figura 13: Banco de Textos Específicos sobre a Justiça Restaurativa.

pedagogia restaurativa.com/banco-de-textos-reflexivos

 **Prof.ª Flávia Costa**
Facilitadora e Pesquisadora em Justiça Restaurativa

Conheça meu trabalho com a Justiça Restaurativa! Clique aqui.


PEDAGOGIA RESTAURATIVA | PROCESSOS CIRCULARES | GALERIA JR | FÓRUM | AGENDE SUA PALESTRA | CONTATO

DICAS PRÁTICAS | BANCO DE VÍDEOS | BANCO DE IMAGENS | BANCO DE CITAÇÕES | BANCO DE TEXTOS REFLEXIVOS | BANCO DE TEXTOS JR

BANCO DE ARTIGOS, DISSERTAÇÕES E TESES JR | BANCO DE NOTÍCIAS JR | ALERTAS DA ATUALIDADE | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMENTADAS

E-book Grátis! Inscreeva-se AQUI!

Banco de Textos Especificos JR



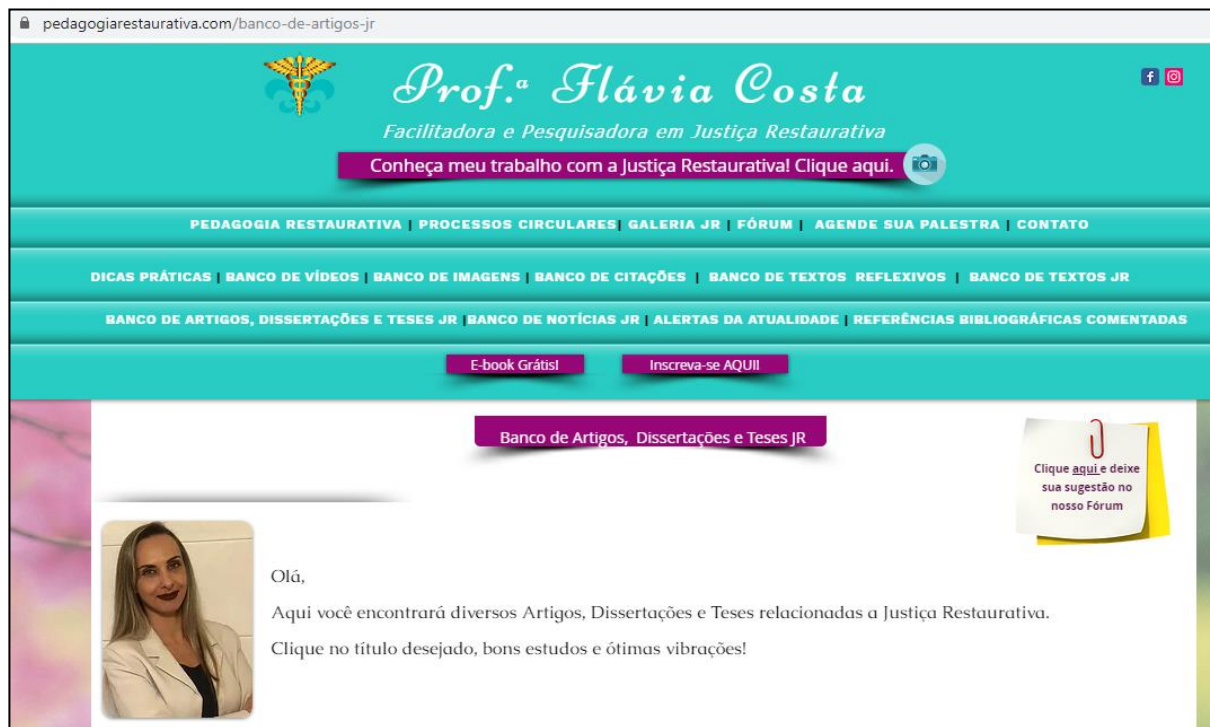
Criei esse espaço para compartilhar com você textos específicos sobre a Justiça Restaurativa que considero de extrema importância para nosso enriquecimento, amplie seu horizonte. Clique no título desejado e abasteça as suas ideias!

Clique aqui e deixe sua sugestão no nosso Fórum

Fonte: Acervo da Pesquisadora (2019).

Essa aba apresenta diversos textos e publicações sobre a Justiça Restaurativa (JR) em diversos contextos e lugares.

Figura 14: Banco de Artigos, Dissertações e Teses.



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2019).

Essa aba apresenta diversos textos acadêmicos produzidos sobre a temática da Justiça Restaurativa (JR) com vistas a troca dos saberes produzidos e melhor usufruto por parte dos pesquisadores e

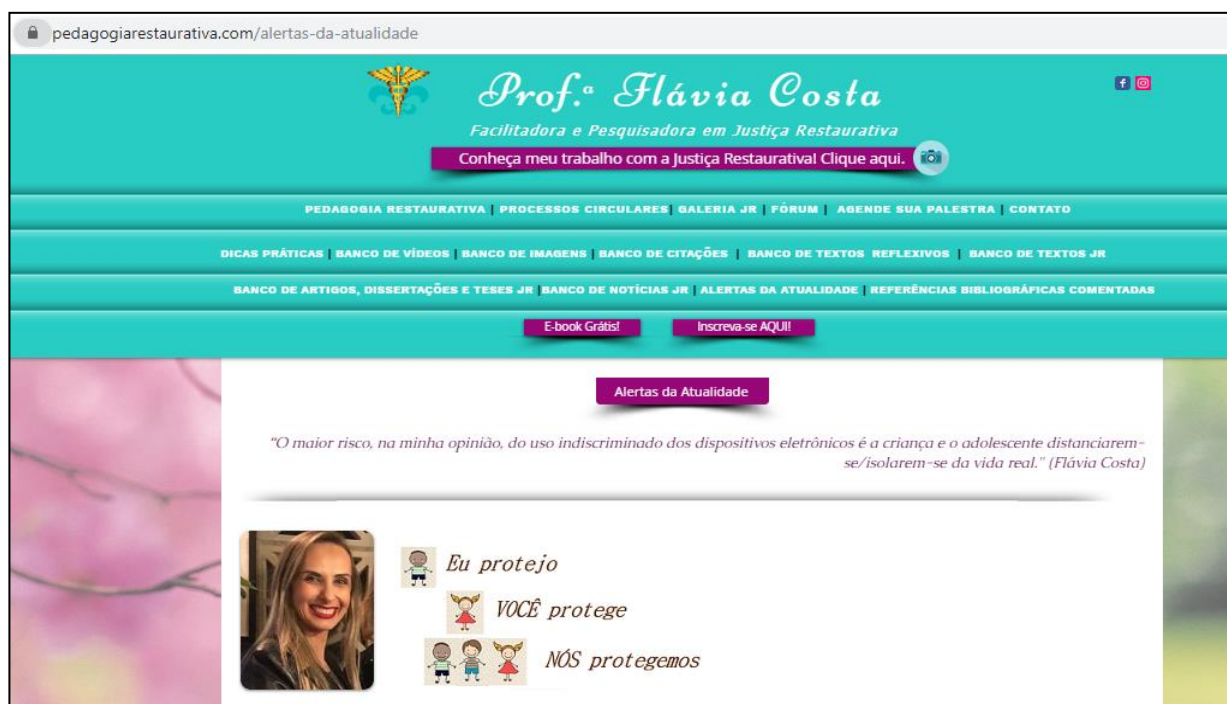
Figura 15: Banco de notícias.



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2019).

Nessa aba são colocadas notícias que envolvem situações conflitantes, onde o uso da Justiça Restaurativa (JR) foi ou seria de suma importância para a prevenção, resolução ou transformação do conflito. Exemplo: Crianças que cometeram suicídio por medo do chamado

Figura 16: Alertas da atualidade.



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2019).

Nessa aba procuro colocar notícias que estão acontecendo no Brasil e no mundo envolvendo principalmente as escolas, onde crianças e

Figura 17: Referências Bibliográficas comentadas.

The screenshot shows the website 'pedagogia restaurativa.com/referenciasbibliograficascomentadas'. The header features the name 'Prof. Flávia Costa' and her title 'Facilitadora e Pesquisadora em Justiça Restaurativa'. A navigation menu includes links for 'PEDAGOGIA RESTAURATIVA', 'PROCESSOS CIRCULARES', 'GALERIA JR', 'FÓRUM', 'AGENDE SUA PALESTRA', and 'CONTATO'. Below the menu are buttons for 'E-book Grátis!' and 'Inscreva-se AQUI!'. The main content area is titled 'Referências Bibliográficas Comentadas' and includes a profile picture of Prof. Flávia Costa with the text: 'Olá, Aqui você vai encontrar as principais Referências Bibliográficas sobre a Justiça Restaurativa comentadas por mim.' Below this is a book review for 'Processos Circulares - Teoria e Prática' by Kay Pranis, published by Palas Athena. The review text states: 'Esse livro pode ser considerado uma das principais obras do estudo aos Processos Circulares, nele você encontrará orientações sobre a metodologia de Círculos de Construção da Paz além de um roteiro para organizar Círculos, indicando as perspectivas, impactos e desafios a serem vencidos.'

Fonte: Acervo da Pesquisadora (2018).

Nessa aba apresento comentários sobre livros que leio acerca da Justiça Restaurativa (JR), dos Processos Circulares, da Cultura de Paz, da utilização da Humanização e da Afetividade na Educação, e lanço meus apontamentos e críticas a respeito. Peço que os interessados enviem para

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORTELLA, M.S. **O melhor do Cortella: trilhas do pensar, ideias, frases e inspirações.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

MOURA, A.M.M., et al. **As Teorias de Aprendizagem e os Recursos da Internet Auxiliando o Professor na Construção do Conhecimento.** Universidade Estadual de Londrina, 2004 [*on line*]. Disponível em <http://abre.ai/wwsn>. Acesso: 08. abr. 2018.

SOUZA, Jano Moreira de. Et al. Gestão do Conhecimento e Memória de Grupo, in PIMENTEL, Mariano.; FUKS, Hugo (Orgs) **Sistemas Colaborativos.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.